

# MUCKER

CRÔNICAS

HUGO MUXFELDT

ARADNE

PARA  
ENTENDER  
OS IMIGRANTES  
ALEMÃES  
OS MUCKER - CRÔNICAS  
HUGO MUXFELDT

O MESSIANISMO

“ MUCKER “

SAI DO RESTRITO CAMPO

DA HISTORIOGRAFIA

PARA O DA LITERATURA

DÉCIO FREITAS – HISTORIADOR

## APRESENTAÇÃO

Os filhos, netos e bisnetos apresentam os Mucker, mais de um século anos depois.

No presente livro estão as anotações, reminiscências e novas ideias do episódio do Ferrabraz. O autor, agora está preso no Solar da Redenção, como ele mesmo conta. Pouca visão, já não pode ver o verde do Parque Farroupilha, distante apenas meia quadra do Solar.

Contenta-se em ver os jacarandás da rua Garibaldi, em frente a sua janela. Ainda escreve todas as manhãs, com seus noventa anos bem vividos.

### OBSERVAÇÃO

O texto deste livro contém o relato deixado por meu pai, Hugo Muxfeldt, neto e filho de Mucker, que viveu intensamente o período pós-Mucker e constatou que o ocorrido no século passado, à sombra do mítico Ferrabraz, a diferença de outros acontecimentos históricos que ensanguentaram o Rio Grande do Sul, deixou feridas que teimam em não cicatrizar.

Virgilio Ribeiro Muxfeldt



## PRÓLOGO

### Os Mucker, 100 anos depois

Em 1977, Moacir Domingues me mandou seu livro sobre os Mucker e, pessoalmente, dizendo-me “tú és um Mucker” me estimulou a escrever as minhas lembranças, o que passei a fazê-lo.

Terminado o trabalho em 1981, andei dois anos com o manuscrito debaixo do braço, à procura de uma editora e, finalmente, em 1983, saiu o livro, pela editora Sulina, com 146 páginas. Livro escrito de afogadilho, conforme expliquei na página 141. Para que não se extrviassem o montão de papéis, anotações, algumas escritas a lápis, e a tradição oral da qual eu era conhecedor.

HUGO MUXFELDT  
NETO DE CARLOS E SUZANNA MAURER

## O SOLAR DA REDENÇÃO

Estamos no ano de 1995 e o menino que nasceu na colônia alemã do Rio Grande do Sul, em 1904, agora está prestes a completar 90 anos de idade e mora num confortável apartamento do edifício Solar da Redenção, situado na rua Garibaldi, na capital do estado do Rio Grande do Sul.

Sentado na sala e em frente à sua velha máquina de escrever Underwood, pela janela olha os floridos jacarandás que ornamentam essa rua do tradicional bairro do Bom Fim e o que sente? Timidez, medo, angústia? nostalgia? Olha para um lado da sala: lá estão os seus livros, o violino, o saxofone, a gaita de 80 baixos, a sanfoninha de 8 baixos. São Gabriel, Bagé, Uruguaiana, Alegrete? Teria sido músico profissional, com uma passagem na orquestra de bordo de um dos ITAS que em priscas eras faziam a rota Rio Grande-Belém do Pará? Lembranças vagas: Alegrete, entrada no magistério estadual, criação de abelhas, medalha ganha pelo “melhor mel do mundo”, concedida pela Apimondia (Federação Internacional de Associações de Apicultores) em evento realizado em Atenas.

Felizes lembranças de tempos idos não param de aflorar, porém sua infância ainda o atormenta. O Morro Ferrabraz não lhe sai da memória. A avó Suzanna, falecida há tantos anos está presente. Tenta colocar no papel as reminiscências dos fatos ocorridos, verídicos e não conhecidos dos historiadores.

Lembra que já escreveu OS MUCKERS 100 ANOS DEPOIS, mas agora se dedica a ampliar o relato feito através de novas revelações, que talvez possa servir para uma segunda edição do livro ou, então para um segundo volume, que se chamaria OS MUCKERS 120 ANOS DEPOIS. De qualquer forma tem certeza de que esse novo relato será útil aos estudiosos do assunto, porque o episódio do Ferrabrás, fatalmente, será revisado. A história da cidade de São Leopoldo está mal contada, pois segundo a pesquisadora Janaína Amado, o livro do Padre Schupp, Die Mucker, o primeiro relato escrito sobre os trágicos acontecimentos, escrito em alemão, além de ter sido escrito por alguém que chegou à Colônia após o sangrento desfecho, foi mutilado pela tradução ao português.

Em sua cabeça uma pergunta, que tornou-se mais e mais presente com o passar dos anos, o atormenta: como foi possível acontecer o que aconteceu em apenas oito anos, entre 1866 e 1874, na Colônia alemã de São Leopoldo, situada a trinta quilômetros da capital da Província do Rio Grande do Sul, tendo como principais protagonistas um jovem casal, ambos analfabetos ou semianalfabetos, que levaram cerca de uma centena de crentes na Bíblia, homens, mulheres e crianças, católicos e protestantes, a resistir até a

morte a forças imensamente superiores em número e armamentos, em defesa do que consideravam seu direito de levar a vida como bem entendiam?

Não existe uma resposta única a essa pergunta. Apenas o conhecimento de uma série de acontecimentos que se abateram sobre a Colônia e, particularmente na “picada” estabelecida à sombra do mítico Morro Ferrabraz pode lançar uma luz para que entenda tão trágico acontecimento.

# I

## ANTECEDENTES

### O IMPÉRIO BRASILEIRO

Proclamada a independência em 1822, o Império Brasileiro se defrontava com problemas de toda ordem. Entre esses problemas destacavam-se a ocupação do vasto território herdado de Portugal e como defendê-lo, particularmente das prováveis tentativas portuguesas de retomar sua colônia e as constantes investidas dos castelhanos no sul do país.

Uma das alternativas consideradas para enfrentar esses dois problemas foi a de buscar na Europa colonos e soldados que estivessem dispostos a seguir para o novo mundo.

Para operacionalizar essa tarefa, foi designado o alemão Georg Anton Aloysius Von Schaeffer, uma espécie de secretário particular informal da Imperatriz Leopoldina, que era austríaca.

Após difíceis negociações diplomáticas, o Major Schaeffer, nome pelo qual ficou conhecido na história do Brasil, conseguiu recrutar nos estados alemães em que grassava a fome e vicejavam conflitos religiosos, um apreciável contingente de alemães dispostos a vir para o Brasil.

O primeiro barco a aportar no Rio de Janeiro, trazendo 134 colonos e 150 homens destinados ao serviço militar, lançou ferros na baía da Guanabara em 7 de janeiro de 1824.

Por decisão do Imperador D. Pedro I, os soldados foram enviados para os quartéis locais, enquanto o contingente de colonos seguiu para Nova Friburgo.

O imperador decidiu também que os colonos que estavam para chegar, fossem para o extremo sul do Brasil, onde deveriam ocupar as terras da Real Feitoria do Linho-Cânhamo, às margens do Rio dos Sinos, próxima da capital da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Os primeiros alemães, um contingente constituído por 39 homens, mulheres e crianças, chegaram à Feitoria em 25 de julho de 1824. Entre 1824 e 1830, cerca de 5000 imigrantes alemães chegaram ao Rio Grande do Sul. Com o término da Guerra Cisplatina, ocorreu a desmobilização progressiva das unidades do Exército Imperial constituída por soldados alemães mercenários. Essa desmobilização se completou em 1831, fazendo com que esses ex-soldados se espalhassem por várias províncias do Império, tendo o maior número se dirigido para Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Por fim, entre 1844 e 1850, chegaram à Colônia mais de 10,000 imigrantes.



Em homenagem à Imperatriz Leopoldina, o presidente da Província, José Feliciano Fernandes Pinheiro, solicitou ao Imperador D. Pedro I, que fosse dado ao assentamento de colonos na área da antiga Feitoria o nome de Colônia Alemã de São Leopoldo, o que foi concedido por portaria imperial. Os gaúchos, entretanto, passaram a chamar simplesmente de Colônia, o povoado que ia surgindo.

A Colônia, que só se emanciparia de Porto Alegre em 1864, participou ativamente dos principais eventos históricos por que passou a Província, como a guerra da Cisplatina (1825/28), a Revolução Farroupilha (1835/45), a Guerra contra Oribe e Rosas (1851) e a Guerra do Paraguai (1864/70).

### O SANTO LEOPOLDO

Como surgiu o nome de São Leopoldo para o núcleo de colonização alemã criado às margens do Rio dos Sinos em 1874? As hipóteses são várias, a saber:

- Seria uma homenagem à Imperatriz Leopoldina?
- Seria uma homenagem ao Visconde de São Leopoldo?
- Seria uma homenagem aos reis e imperadores da Áustria e Bélgica, avós e bisavós da Imperatriz?
- Seria uma homenagem ao Santo Leopoldo?

Os historiadores concordam que o nome foi uma homenagem à Imperatriz Leopoldina, uma princesa austríaca que se tornou a primeira Imperatriz do Brasil.

O nome Leopoldo na Áustria tem uma significação especial. Seu primeiro rei, Leopoldo I, governou o país nos anos de 976 a 994. No total, cerca de doze Leopoldos governaram a Áustria, sendo Leopoldo III, o Piedoso, que reinou de 1095 a 1136, canonizado santo da Igreja Católica em 1486. O último Leopoldo a governar a Áustria, foi Leopoldo XII, avô da Imperatriz Leopoldina, que reinou de 1790 a 1792.



## II

### A TERRA PROMETIDA

#### A REAL FEITORIA DO LINHO CÂNHAMO

A Real Feitoria do Linho Cânhamo, localizada a cerca de 30 quilômetros de Porto Alegre, capital da então Província de São Pedro do Rio Gran-

de do Sul, foi o local escolhido como destino para um dos contingentes de imigrantes alemães que chegaram ao Brasil em 1824.

A Feitoria ocupava uma vasta área situada entre os rios dos Sinos e o Caí. No divisor de águas desses dois importantes rios, reina, soberano, o Morro Ferrabraz, cujo pico atinge 779 metros de altura e que seria o palco onde se desenvolveu o episódio que passou à história como a Revolta dos Mucker ou a Guerra dos Mucker.

Parte da Real Feitoria era coberta por espessa mata subtropical, que só poderia ser ocupada pelos imigrantes através da abertura na mata de “picadas” ou “linhas”, vias de penetração, abertas com os instrumentos disponíveis na época, ao longo das quais eram demarcados lotes destinados a cada família.

Os lotes, em geral, tinham início nas margens de um rio ou riacho e estendiam-se encosta acima até encontrar-se com outro lote que subia do vale seguinte. Na crista dos divisores entre os cursos d’água ficava a picada ou linha.

A picada que, inicialmente nada mais era do que uma trilha que pelas cristas dos morros dava acesso aos lotes, aos poucos eram alargadas e passavam a organizar e orientar a vida comunal, passando a ter em suas margens as edificações comunitárias, como escolas, igrejas, cemitérios, residências dos professores, padres ou pastores.

Cada picada abrigava uma casa comercial, entreposto para o qual eram vendidos os excedentes de produção dos colonos e através do qual se adquiriam bens não produzidos nas comunidades, como sal, querosene etc. As casas comerciais, conhecidas como “vendas”, eram a porta da comunicação das picadas com o mundo exterior.

## OS BUGIOS

O bugio, um dos maiores macacos das matas tropicais e subtropicais do continente americano, chegando os machos da espécie a pesar 10 quilos, antes abundante nas matas do Ferrabraz, foi quase eliminado durante o episódio Mucker. Os colonos Mucker e não Mucker, quando refugiados nas matas, aprenderam, com os índios que ainda habitavam a região, a se alimentar com sua carne, quando escasseavam outras maneiras de subsistência.

A caça aos bugios é facilitada por que esses animais são pouco ativos, devido à sua alimentação composta principalmente por folhas verdes, de baixo valor nutritivo. Passam mais da metade dos dias repousando nos galhos das árvores e locomovem-se com lentidão.

Jacobina, a líder dos Mucker e seus 16 fiéis seguidores, ao buscarem refúgio nas matas do Ferrabraz, no epílogo da Guerra dos Mucker, caçaram bugios para não morrer de fome.

### AINDA OS BUGIOS

Depois que os gaiteiros gaúchos, observando como os bugios se deslocavam no solo, eretos e com um passo gingado, inventaram um novo ritmo, o bugio, que deu origem a várias músicas gauchescas cujo tema era o bugio, como o “ronco do bugio”, a “malandragem do bugio”, os “passos do bugio”, esse primata, outrora existente em todos os matos do Rio Grande do Sul, tornou-se popular. Em vias de extinção, como outros animais nativos, passaram a ser protegidos por lei, que proíbe terminantemente sua caça.

Trata-se de um primata, que vive em bandos e é bastante semelhante ao homem primitivo. Não eram agressivos e até procuravam conviver com o homem, como bem relatou o colono Mucker August Wilborn, morador do Ferrabraz. Ele observou um bugio que entrava em seu paiol de milho, apanhava uma espiga, começava a descascá-la e comia grão por grão até deixá-la limpa de grãos.

Wilborn chegou a pensar em adestrar um bugio, para transformá-lo em animal doméstico, como ocorreu com outras espécies de animais.



### III

## PROTAGONISTAS

### OS IMIGRANTES ALEMÃES

Quando o major Schaeffer andou pelos estados alemães recrutando soldados para D. Pedro I e agricultores para D. Leopoldina, sendo conhecedor de que no novo país, o Brasil, o povo, as leis, os costumes, a cultura, o próprio Estado eram diretamente ligados à Igreja Católica, ele sabia que não havia lugar no Brasil para outros credos religiosos. Sabendo também que Martinho Lutero havia revolucionado os estados alemães contra a Igreja Católica propiciando o surgimento dos “protestantes”, acostumados a protestar sempre, contra tudo e contra todos, devia ter sido mais prudente ao arregimentar alemães católicos e não católicos.

Trazer gente de cabeça dura, obstinada, protestante, para o Brasil católico, era certeza de que alguma coisa não daria certo, como de fato não deu, na Colônia de São Leopoldo.

Nessa época a Alemanha estava dividida entre os católicos e suas belas catedrais e os intransigentes luteranos. O major Schaeffer poderia prever as dificuldades que surgiriam no futuro ao recrutar imigrantes cabeças duras, opiniáticos, que professavam religiões antagônicas. Bastava fazer uma seleção mais cuidadosa, já que não faltavam agricultores católicos dispostos a imigrar.

Esse equívoco foi corrigido quando da chegada da nova leva de imigrantes trazida em 1826, que abrangia católicos e protestantes. Como a Colônia de São Leopoldo estava ficando saturada, essa leva foi dirigida para o litoral norte do Rio Grande do Sul e houve o cuidado de separá-los geograficamente, ficando os protestantes na região de Maquiné e os católicos em Torres. Deu certo.

### INCONFORMADOS

Para se ter uma noção das causas do evento Mucker, é bom lembrar que muitos imigrantes vieram para o Brasil por se sentirem inconformados com a situação em que viviam nos Estados Alemães onde havia resquícios de feudalismo, autoritarismo das Igrejas, padres e pastores, cismas religiosos, enfim, descontentamento geral. O povo alemão, dividido, sem lideranças confiáveis, com camponeses sentindo-se abandonados, procurava encontrar, através de associações tipo “Quaker”, “Mormons”, Anabatistas (movimento radical da Reforma Protestante que preconizava que o batismo só tinha valor quando ocorria em idade adulta), um novo rumo para suas vidas.

A ideia de fundar uma nova igreja, portanto, estava no imaginário de muitos imigrantes alemães quando chegaram ao Brasil.

O “velho” Libório Mentz pode ser considerado como exemplo de um alemão “inconformado”, pois imigrou para o Brasil aos 54 anos de idade, estabelecendo-se na Colônia de São Leopoldo. No pequeno povoado alemão de Tambach onde vivia, era considerado como um rebelde, separatista, pois até tinha um cemitério exclusivo, para sepultar os mortos de sua família e onde esperava ser sepultado.

Os Mentz brasileiros, gente boa, trabalhadora e progressista, por certo herdaram desse antepassado comum certas manias separatistas, além de um espírito rebelde, que se refletia em certas práticas e costumes, principalmente religioso, como o hábito de ler e interpretar a Bíblia sem a intermediação de padres ou pastores.

Os alemães que migraram para o Brasil no início do século XIX tinham, portanto, como principal característica a diversidade, pois oriundos de vários Estados alemães, o contingente que desembarcou em São Leopoldo era constituído, em sua maioria, por agricultores, artesãos, marceneiros, carpinteiros e soldados.

### OS DIALETOS

“Ick messer tzie und mula gripp, schwantz. Asch abschneiden.” O colono, irritado com a mula que havia empacado, disse que ia puxar uma faca e cortar o animal rente à bunda (asch).

Esse é um exemplo dos dialetos que os imigrantes da Colônia de São Leopoldo trouxeram dos diferentes estados alemães que viriam a constituir a moderna Alemanha. Como os imigrantes chegados à colônia de São Leopoldo vieram de diferentes estados alemães e falavam diferentes dialetos, sendo o principal o falado no estado de Hunsruck, a comunicação entre eles, no início, era precária, gerando entendimentos diferentes para determinadas palavras. Com o tempo, os dialetos se misturaram e surgiu o “Platt-Deutsch”, que passou a incorporar termos gauchescos como Punsch (poncho), Relhe (relho), Pistool (pistola) etc.

### AS LENDAS GERMÂNICAS

Os colonos vieram da Alemanha no distante ano de 1824. Naqueles tempos obscuros, crianças e adultos acreditavam nas “estórias” e lendas contadas pelo povo, principalmente nas regiões remotas do interior, onde mudanças culturais demoravam a chegar. Os imigrantes da Colônia de São Leopoldo, na maioria gente simples, majoritariamente agricultores e artesãos, recrutados pelo Major Schaeffer, no interior das províncias (estados) germânicos do Hunsruck, Hanover, Mecklenburg e Renânia, trouxeram junto com eles, suas crenças, religião, folclore, lendas e “estórias”. Quando aqui chegaram, não havia escolas e as crianças criavam-se analfabetas. Ouviam somente “estórias” e lendas contadas por suas mães e avós, Os gu-ris ouviam falar num tal de “Pelznickel” que vinha na noite de Natal, com uma vara, para “sapecar” quem tinha feito uma “arte” qualquer durante o ano. Nibelungen (Wagner), Sagas do Reno e outras manifestações culturais germânicas só eram conhecidas por uma minoria. Portanto não é de admirar que a maioria dos colonos acreditasse piamente nas histórias trazidas da Alemanha e em outras criadas na colônia.

Quem acreditava que coelho bota ovo e que os anões (gnomos) que vivem nas florestas podem aparecer durante a noite, facilmente aceitaram as pregações de Jacobina, especialmente a que afirmava que seus seguidores



seriam os “bem-aventurados” conforme menciona a Bíblia. Gostavam do que ouviam nos cultos do Ferrabraz e viviam felizes.

### NÍVEL CULTURAL DOS COLONOS

Conforme já explicitado, em matéria de cultura, os colonos eram para lá de brancos. Como exemplo, existe o relato do que aconteceu durante um casamento na colônia. Um dos amigos do noivo, foi encarregado de festejar o ato com uma descarga de trabuco. Postado nos degraus da Igreja, do lado de fora, quando o Pastor declarou “em nome de Deus, os declaro marido e mulher, deu-se a descarga e uma nuvem de fumaça invadiu o templo. O Pastor, indignado com tamanha falta de respeito, exclamou: “demais, que falta de bom senso”. O homem do trabuco, pensando que era um elogio, prontamente retrucou: iô, ich hon stram gelôden ( Sim, eu carreguei bem o trabuco).

Outro relato é sobre uma reunião da diretoria de uma comunidade. O colono que hospedava o Pastor, que era solteiro, pediu que fosse aumentada a quota destinada a alimentar o religioso. Um dos presentes, não se fez de rogado e perguntou: “Frist dan dê Paff so viel”? (o Pastor come tanto assim?).

Essa era o linguajar dos colonos, que não tiveram nenhuma educação formal.

### SAL NO RABO DOS PASSARINHOS

As crianças de toda a Colônia cresciam na crença de que os passarinhos dos matos ficavam quietos, paralisados, se alguém lhes botasse sal na cauda. Era comum, ver-se crianças e até adultos, aos domingos, portando gaiolas e um punhado de sal, embrenharem-se nos matos, a caça de passarinhos.

Parece incrível que muitos dos frequentadores das reuniões do Ferrabraz acreditassem num absurdo de tal tamanho. Analfabetos, confinados nas picadas durante meio século, eles também acreditavam nos remédios que João Jorge lhes dava para as dores do corpo e nas palavras de consolo de Jacobina.

Sem dúvida, muitos frequentadores da seita que se estava formando no Ferrabraz, foram enganados desde o início.

### OS OVOS DE PÁSCOA

Érico Veríssimo, em sua obra prima O TEMPO E O VENTO, assim descreve a chegada dos filhos dos primeiros colonos alemães à cidade fictícia de Santa Fé (Cruz Alta):

“Os guris, olhos de bolitas, cabelos da cor de espiga de milho verde, logo fizeram amizade com os filhos da gente do lugar. Magrinhos, perninhas finas, os caboclinhos revelavam-se mais argutos, mais inteligentes que os gringuinhas. brincavam juntos, sem entenderem a linguagem arrevesada de uns e outros. Quando chegou a Páscoa, as crianças germânicas apareceram com ovos de galinha, cozidos, muito coloridos, de verde, amarelo, azul e vermelho. Novidade para as crianças nativas que nunca haviam visto nada igual.

-São ovos de Páscoa (ostereirer), que o coelhinho botou.

- Ué, coelho não bota ovo!

- Bota sim. Ele mora nos matos e na ocasião da Páscoa ele vem de noite e bota ovos nos ninhos que fizemos com barba de pau.

Essa crença os imigrantes germânicos trouxeram da Alemanha e as crianças tinham a firme convicção de que os coelhinhos punham ovos. Essa convicção, mais tarde, quando já adultos e não acreditavam mais na lenda do coelho da Pascoa se transferiria para outros assuntos, inclusive os religiosos. Acreditavam, firmemente, que a religião que professavam era a única certa.

Quem acreditava que coelho bota ovo e que os anões (gnomos) que vivem nas florestas podem aparecer durante a noite, facilmente aceitavam pregações religiosas fora dos recintos das igrejas.



## IV

# DESENVOLVIMENTO DA COLÔNIA

## RIVALIDADES GERMÂNICAS

Além de duas religiões, católica e protestante, que sempre dividiram os colonos, havia também rivalidades locais. Na região de colonização alemã de São Leopoldo, duas povoações, hoje importantes cidades, São Leopoldo e Novo Hamburgo, separadas pelo Rio dos Sinos, os moradores de uma margem, não se davam bem com os da outra margem.

O mesmo acontecia com os pequenos núcleos habitacionais. Nos núcleos de Igrejinha e Mundo Novo (atual Três Coroas), ambos situados no vale do Paranhana e separados por apenas nove quilômetros de distância. se um

morador de Igrejinha fundava uma “fábrica” de tamancos, outro, em Mundo Novo, abria uma “fábrica de chinelos”.

Canela e Gramado, praticamente um único núcleo habitacional, até hoje mal disfarçam sua rivalidade. Essas rivalidades, próprias da cultura alemã, aconteciam em quase todas as atividades, mesmo as mais singelas, como os “Gesangverein” (corais), bandinhas de música etc.

O alemão da Colônia sempre foi teimoso, obstinado, turrão. Para julgar o episódio Mucker é preciso penetrar a fundo na história da imigração alemã de 1824 e particularmente no que se passava na cabeça de cada colono. Os colonos do obscuro núcleo do Ferrabraz eram rivais de quem? Pretendiam organizar-se numa associação? Construir um hospital? Constituir uma nova comunidade ou seita religiosa?

Conta a tradição oral que chegou-se a pensar na construção de um hospital na picada de Padre Eterno (Sapiranga).

### RIVALIDADES ENTRE COLONOS

A vida dos primeiros colonos alemães assentados nas matas da Real Feitoria do Linho Cânhamo, situada às margens do Rio dos Sinos foi extremamente dura.

O modelo de humanizar a área coberta por espessa mata subtropical foi de abrir picadas (linhas) seguindo a linha de crista dos morros e destinar em ambas as margens de cada picada, lotes para as famílias de colonos que seriam assentadas. Evidentemente, o desmatamento de cada lote, para liberar a terra para a atividade agropastoril, ficava a cargo da família agraciada.

As picadas, que inicialmente eram apenas trilhas, eram progressivamente alargadas, para permitir a passagem de mulas e carretas, que eram o único meio de transporte disponível.

Aos poucos, à medida que as picadas eram alargadas, em suas margens eram construídas edificações comunitárias, como igrejas, cemitérios, escolas, casas para os padres, pastores e professores.

No início de cada picada normalmente se instalavam casas comerciais, as vendas, que nada mais eram do que locais que compravam os excedentes produzidos pelos colonos e lhes vendiam bens não produzidos na colônia, como sal, querosene etc. A venda era, na prática, o elo de ligação entre cada picada e o mundo exterior.

Como é normal em empreendimentos dessa natureza, tocados por seres humanos, não tardou que a situação de cada família de colonos passasse a ser diferenciada. Fatores como fertilidade da terra, boa localização do lote, trabalho duro de toda a família, empreendedorismo de cada chefe de famí-

lia, sorte, entre outros, fizeram com que determinadas famílias progredissem mais do que as outras.

Ao mesmo tempo, fatores adversos, como o isolamento de algumas famílias, localizadas no fim das picadas, a baixa fertilidade da terra recebida, doenças tropicais e decisões equivocadas sobre como levar adiante a empreitada, terminaram após 10 ou 20 anos de sucessivos revezes, por embrutecer as relações interfamiliares. Um membro da família, que por velhice, acidente ou doença fosse considerado incapaz para o trabalho, era abandonado sem dó nem piedade. Não sentava mais à mesa, comia num coxinho de madeira, com uma colher de pau.

Quando um desses embrutecidos chefes de família, aos domingos, aparecia na venda para vender alguma coisa e comprar o mais necessário, era mal recebido. Não participava do jogo de cartas, não era convidado para beber e participar das conversas sobre o que acontecia na picada ou mesmo na Colônia. Vendia uma dúzia de ovos, uma ou duas galinhas e levava uma bola de manteiga embrulhada em folhas de repolho ou couve, algum sal, meio litro de querosene e ia embora.

Em outro cenário, um próspero colono tinha um terneiro e alguns porcos gordos para negociar. Em vez de negociar com o vendeiro de sua Picada, resolve ir ao Ferrabaz, não em busca das ervas de João Jorge, nem para ouvir o que ele considerava baboseiras de Jacobina. Tinha apenas a perspectiva de realizar um bom negócio. Logo, os possíveis interessados em comprar, como Luper e Robinson, perceberam que o colono era bastante experiente em negócios. Não houve negócio e criaram-se animosidades.

Com o passar dos anos, muitos filhos de colonos percebiam que os horizontes das Picadas eram limitados e decidiam abandonar tudo e mudarem-se para o povoado que se formava, São Leopoldo. Como haviam aprendido algum ofício com os falecidos pais, procuravam estabelecer-se com pequenos artesanatos. Pouco conseguiam, pois outros colonos, mais espertos, já haviam feito o mesmo trajeto e agora eram prósperos comerciantes ou industriais. A solução para os que pretendiam mudar-se para São Leopoldo era vender, a baixo preço, suas propriedades e sujeitar-se a trabalhar, com baixos salários, nos estabelecimentos dos que eram considerados ricos.

Os que prosperaram em São Leopoldo, não tardaram em estabelecer-se em Porto Alegre e outras cidades, criando uma espécie de elite germânica que investia em vários negócios, à exceção das lides da terra. Quem ficou lá, continuava trabalhando duro, com poucos resultados. Estavam criadas as condições para o nascimento de rivalidades entre antigos vizinhos ou mesmo parentes.

## AS CASAS DOS COLONOS ALEMÃES

As casas dos colonos alemães da primeira década, ou seja, 1824-1834, só podiam ser pobres, com mobiliário feito a facão. Geralmente as casas, de madeira, tinham cobertura feitas de tábuas, em duas águas, e tinham uma cozinha separada, na parte de trás. Mais tarde, a cobertura de tábuas foi substituída por telhas de barro.

À medida que os colonos prosperavam, foram sendo construídos, em anexo ou separado, uma espécie de galpão, para os animais, vacas e mulas, e um paiol para guardar espigas de milho, caprichosamente empilhadas.

As casas foram evoluindo com belos jardins na frente e nos lados, com flores todo o ano, até chegarmos ao tempo dos Mucker, quando foram construídas as primeiras casas de alvenaria, tão confortáveis, como as casas de São Leopoldo.

Os irmãos Sehn, Johan e Felipe foram os primeiros a construir casas de alvenaria. A casa de Johan Sehn, um sobrado construído à beira de um riacho, tinha um espaçoso salão, para reuniões festivas onde, aos domingos, o Padre Munsch rezava missa. A casa de Felipe Sehn foi construída no meio de um espesso bosque e tinha uma lareira, à moda europeia, talvez a primeira de toda a Colônia.

O lindo sobrado de Johan Sehn, que podia ser visto de longe, foi incendiado e a seguir demolido no trágico ano de 1874.

## OS MOINHOS COLONIAIS

“Quem tem um moinho, abelhas e ovelhas, pode desafiar El-Rei”, era como se dizia na Alemanha e em Portugal quando o Major Schaeffer, a mando de D. Pedro I, foi enviado aos Estados Alemães para aliciar os primeiros imigrantes para a Colônia de São Leopoldo.

Felipe Sehn, consciente ou intuitivamente, provou que esse adágio popular era verdadeiro. Nos matos, não longe do Ferrabraz, construiu sua casa e seu moinho hidráulico. Prosperou. Nos seus poteiros podiam ser vistos cavalos e mulas e uma ponta de gado, tudo de primeira qualidade. Podia até oferecer de presente um boi, a escolher, para que seu irmão Johan desistisse de entrar para a seita dos Mucker.

O seu moinho, movido a água, funcionava dia e noite. Ganhou muito dinheiro moendo trigo e milho dos colonos vizinhos para obter farinha e subprodutos como a quirera, que alimentava as aves e os porcos, a ponto de possuir, entre seus peões, um escravo negro.

Conta a tradição oral que o Padre Munsch, em visita a Felipe Sehn, que era católico, decidiu rezar uma missa para a família do senhorio, no confortável salão de festas de sua casa, sendo todos os peões convidados a parti-



cipar. Com isso surgiu uma dúvida: e o negro? Sem problemas, disse o Padre, pois ele também é filho de Deus. Sentado no fundo da sala, foi embaraçoso vê-lo se atrapalhar em acompanhar todos os gestos previstos pela liturgia, começando pelo sinal da cruz...

Com o crescimento da Colônia, moinhos surgiram em todas as picadas, maiores ou menores, dependendo da disponibilidade de quedas d'água.

### A IMPORTÂNCIA DAS MULAS NA VIDA COLONIAL (PICAR A MULA)

*“Pra um pagode eu estou pronto a toda hora  
Quando não serve eu pico a mula  
E vou-me embora”*

(Marchinha de carnaval “Pico a Mula”, do imortal Ataulfo Alves- 1949)

Em priscas eras, no Rio de Janeiro do Império, a mula, produto híbrido do cruzamento do jumento com uma égua, era muito valorizada. Era moda ter-se uma charrete e uma mula para puxá-la. Essa moda enraizou-se no imaginário popular a ponto de, já no Rio de Janeiro republicano, ter feito enorme sucesso uma marchinha de carnaval, do consagrado Ataulfo Alves, intitulada “Pico a Mula”.

As razões que levaram os moços ricos do Império a preferir uma mula a um garboso cavalo para puxar suas charretes, são desconhecidas, mas o certo é que na colônia alemã elas eram utilizadas pelos colonos menos favorecidos, pois os ricos preferiam ter cavalos, mais caros, como montaria.

Ao tempo dos Mucker, cavalos gordos e lindos, quem os tinham eram os Robinsons e os Sehn. Quando se apresentavam, montando seus cavalos ricamente apetrechados chamavam a atenção dos demais colonos. Estribos, freios e os metais das demais peças de montaria, eram de prata. Pareciam-se mais aos senhores feudais da Alemanha que haviam deixado para trás do que colonos que vieram aventurar no novo mundo.

A maioria dos romeiros que demandavam ao Ferrabraz utilizavam-se de mulas. Alguns desses animais, tão úteis, tinham algum defeito físico: cegos de um olho (tortos), manqueiras crônicas, uma só orelha (tronchos), por um simples motivo, eram mais baratos.

Entre os colonos, era comum a prática de uma brincadeira de mau gosto: tosar as crinas e cortar, rente ao “sabugo”, os pelos dos rabos de cavalos e mulas. Os “sabugos”, pelados, sempre foram motivos de risadas e chacotas de uns e tristeza e raiva de outros.

As crianças que iam para a escola montando mulas com o “sabugo” pelo lado, eram vítimas do que modernamente se convencionou chamar de “bullying”.

Rabonar animais domésticos e derrubar colmeias foram as primeiras escaramuças trocadas entre os Mucker e seus antagonistas.

A mula foi o animal de tração que mais serviços prestou à colônia alemã desde seu início até o fim do século XIX e início do século XX, incluindo o período dos Mucker. Os cavalos, por terem os cascos mais frágeis do que os das mulas, costumavam mancar quando utilizados para tração nas estradas pedregosas da Colônia.

Somente com o advento dos caminhões é que as mulas deixaram de ser “burros de carga”, no dito popular.

Obs; “Picar a mula” é uma expressão derivada do ato de se utilizar um “pico” (vara com um prego na ponta) para sinalizar que a mula deveria mudar do passo para o trote.



## V

### DIVISÃO ENTRE OS COLONOS

#### DIVISÃO

Desde seu início, a Colônia esteve dividida em duas facções. A maior facção, inicialmente liderada pelos vendeiros e posteriormente pelos inspetores de quarteirão e demais autoridades policiais, era mais liberal em assuntos como religião e costumes. Já a facção menor, que seguia com mais rigor os preceitos religiosos e tinha maior rigidez quanto aos costumes mundanos, pois não bebiam nem jogavam, eram chamados de puritanos ou pior, “santarrões”. Esses “santarrões” ou puritanos, como todas as minorias, eram discriminados e, por vezes humilhados, mas não reagiam pois, afinal se consideravam “os pobres de espírito”, da Bíblia sagrada.

Essa situação perdurou, no mínimo, por 50 anos, mas depois que o pastor Brutskin, do Baum-Schneis (Dois Irmãos) disse em sermão “eles são Mucker”, ao se referir à seita que se formava no Ferrabraz, a sorte dos santarrões ou “falsos beatos” estava lançada. Deviam ser combatidos, o que terminaria por acontecer em 1874.

## ANTAGONISMOS

O crescimento do número de colonos e seus descendentes e o inevitável distanciamento entre eles, principalmente no aspecto econômico, pois afinal eram todos apenas seres humanos, levou ao surgimento de antagonismos.

Em 1827, apenas 5 anos depois da chegada dos primeiros imigrantes, o inspetor de terras, José Thomaz de Lima, assim se referiu ao primeiro dono de venda da Colônia: “o colono Inácio Rasch tem uma venda e algumas patacas. Todos se ligam a ele e, por isso, se vai fazendo, dia em dia, mais atrevido, sem respeitar as leis e nem pessoa alguma”.

Esse é o retrato fiel de quase todos os comerciantes que se estabeleceram nas picadas da Colônia, durante mais de 50 anos. O que chama a atenção é o trecho “tem uma venda e algumas patacas. Todos se ligam a ele”. Foi contra esse tipo de gente que os colonos que não eram comerciantes, nem ligados a eles, acabaram por se insurgir.

O governo imperial mandou abrir picadas no mato, que seriam as futuras estradas. Na entrada de cada picada estabeleceram-se espertos e, por vezes, inescrupulosos vendeiros, quase todos mandões e autoritários, sempre suspeitos de serem exploradores de colonos. Compravam o que os colonos produziam e lhes vendiam o que necessitavam. Sal, querosene, pólvora, agulhas e linhas eram os principais produtos comprados pelos colonos. Aos domingos, era nas vendas que se reunia uma parte dos moradores das picadas, para tomar um trago, jogar cartas e saber das novidades. A outra parte, menor, ficava em casa. Passaram a ser discriminados, taxados de “puritanos”, desde 1924 até o fim do episódio Mucker, em 1874.



## VI

### A MARCHA DA HISTÓRIA

#### A INDUSTRIALIZAÇÃO E O ÊXODO RURAL

No século XIX a Europa, devido à Revolução Industrial, foi palco de grandes transformações sociais, com o surgimento do proletário assalariado e do estamento burguês que lhe dava emprego nas indústrias que surgiram por todo canto. O proletariado, oriundo do campo, foi o protagonista de um fenômeno que passou a denominar-se de “Êxodo Rural”. O proletário, cumpria nas fábricas jornadas exaustivas de trabalho, de 12 ou mais horas

de duração e recebia salários que mal lhe permitiam se manter e à sua prole, dando surgimento, inclusive ao trabalho infantil. Não por acaso, Karl Marx, o maior crítico dessas relações de trabalho lançou, em 1848, o seu clássico Manifesto Comunista.

O que acontecia na Europa, para o bem ou para o mal, acabou por se refletir nas ex-colônias europeias nas Américas e a Colônia de São Leopoldo não seria a exceção.

A Revolução Farroupilha e a Guerra do Paraguai, como todas as guerras, trouxeram para alguns pequenos comerciantes da Colônia, a oportunidade de incrementar seus negócios e assim acumular capitais, que seriam invertidos em novas e poderosas firmas comerciais, com ramificações em Porto Alegre e até mesmo a iniciar um pequeno surto industrial em São Leopoldo.

Essa “revolução industrial” cabocla, ao sufocar o artesanato e enfraquecer a agricultura, com o êxodo para São Leopoldo de colonos que venderam suas pequenas propriedades por preço vil, resultou, como na Europa, no surgimento dos colonos novos ricos, dos colonos que migraram e passaram a ser assalariados, e dos colonos decadentes que permaneceram no campo. Entre esses últimos, verdadeiros párias sociais, muitos foram se chegando ao Ferrabrás, na esperança de encontrar amparo junto ao casal Maurer.

Havia chegado, na Colônia, a época dos colonos novos ricos e dos colonos decadentes. Esses últimos, verdadeiros párias sociais, estavam ansiosos por encontrar um novo caminho, que se não fosse nas coisas terrenas, poderia ser nas coisas do céu. Estavam maduros para serem captados por seitas cristãs que não fossem submetidas às igrejas tradicionais. Não surpreende, portanto, o crescimento rápido do número de colonos que passaram a frequentar as celebrações religiosas que ocorriam no Ferrabaz.

## NEGÓCIOS COLONIAIS

Obviamente, havia um incipiente comércio entre os colonos. Os colonos com maior iniciativa, ou os mais espertos para alguns, se lançaram na compra e venda de todo o tipo de mercadoria. Como a maioria desses negócios eram informais, sem recibos nem qualquer outro tipo de documento, e conforme o dito popular de que “o segredo é a alma do negócio”, muitos colonos enriqueceram depressa, provocando desconfianças entre os colonos a quem a vida não foi generosa.

Entre os Mucker, destacaram-se como comerciantes Lupper e Robinson. Obviamente, alguns dos maiores comerciantes da Colônia estavam do lado que hostilizava os Mucker. Pedro Schmitt, o Pedro Serrano, Carlos Bres-

ner, Felipe Klein, os irmãos Kautzmann, Berth, Daniel Collin e Bels estavam entre eles.

Felipe Klein já comerciava com Robinson de Dois Irmãos e Lupper de Campo Bom quando foi elaborado o primeiro abaixo assinado. Jacó Schmitt, segundo relato de João Jorge Klein, também comerciava com os Mucker, acrescentando que foi a mulher dele que estragou um negócio, sem especificar que negócio seria. O velho Johan Sehn tinha um galpão que estava sempre abarrotado de madeira. Seu irmão, Felipe Sehn, tinha um moinho que atendia muitos colonos.

### IMOBILIÁRIAS

Na época dos Mucker, a Colônia tinha duas firmas imobiliárias, que não primavam pela correção em seus negócios. Entre suas atitudes questionáveis suspeitava-se que:

- Vendiam lotes com área diferente da que constava das escrituras, sempre a menor;

- Compravam lotes grandes, por exemplo, com 77 hectares e os dividiam em dois lotes menores, nominalmente de 45 hectares cada, enganando assim os compradores.

- Adquiriam terras devolutas do Estado a preços baixos, que depois de loteadas, eram vendidas com grandes lucros.

- Era comum vender lotes que invadiam terras vizinhas, pertencentes a brasileiros, que resultavam em intermináveis demandas na justiça.

Resumindo, as duas maiores companhias imobiliárias locais, tornaram-se ricas e poderosas, à custa dos incautos colonos, que não tinham a quem apelar, semeando ressentimentos que algum dia seriam extravasados.

### A VIDA DOS IDOSOS QUE PERMANECIAM NAS PICADAS

Os que pertenciam a famílias empobrecidas, não participavam das refeições familiares servidas nas mesas. Comiam em pequenos coxos de madeira, postos sobre os joelhos. As refeições, geralmente, eram compostas por porções de feijão, batatas, aipim, abóbora e, quando havia, carne de porco. Raramente lhes era servido repolho ou alface, pois os velhos não gostavam de verduras.

A primeira refeição constituía-se em leite morno servido numa caneca de lata, acompanhado de pão de milho. Às vezes havia linguiça, queijo de porco ou torresmo.

Os velhos eram úteis enquanto enxergavam e podiam se locomover. Cuidavam das crianças, debulhavam milho e faziam tarefas domésticas, como varrer e lavar roupa. Quando começavam a caducar ou a catarata começava



a branquear seus olhos, eram alojados num quartinho dos fundos da casa, quase esquecidos das famílias.

## OS MISERÁVEIS

De nada adiantou João Jorge Maurer, o “wunderdoctor” (doutor maravilhosa) explicar, quando perguntado, que ele não curava os enfermos que o procuravam e sim, quem curava, eram as “maravilhosas” plantas medicinais do Rio Grande do Sul. Quando a situação se agravou, nas sindicâncias e inquéritos em que foi indiciado, sempre declarou que havia abdicado de atender os doentes que o procuravam, porém não podia impedir que diariamente chegassem, das longínquas picadas, um grande número de doentes e desvalidos da sorte.

Como o atendimento aos doentes do interior da Colônia era precário, pois a única instituição que poderia atendê-los, a Santa Casa de Misericórdia ficava muito longe, em Porto Alegre. A casa dos Maurer, o pátio e o galpão, em 1874, estavam atulhados de doentes. Jacobina, doente de corpo e mente, já não pregava mais e parecia alheia a tudo que estava acontecendo.

Como não foi feita nenhuma tentativa de pacificação e, pelo contrário, os ânimos de ambos os lados se exaltavam dia a dia, acabou ocorrendo a tragédia anunciada.



## VII

### FATO NOVO

#### DOIS ERROS QUE LEVARAM AO SURGIMENTO DE DOIS PROTAGONISTAS

Dois erros foram cometidos pela viúva Maria Elizabeth Mentz, moradora de Hamburgerberg (Morro dos hamburgueses), atual bairro de Hamburgo Velho, do município de Novo Hamburgo, mãe de Jacobina e Carolina Mentz. As duas meninas foram criadas entre brigas e atritos e se transformaram em adolescentes problemáticas. Isso durou até o casamento de Jacobina, realizado quando completou 24 anos de idade. Casada com João Jorge Maurer, um simpático boa vida, a viúva Elizabeth concordou com que o jovem casal ficasse morando em sua casa. Foi o seu primeiro erro. O segundo erro foi consequência dos constantes atritos entre genro e sogra morando sob o mesmo teto. Logo após o nascimento do primeiro filho do

casal, Elizabeth resolveu despachá-los para algum lugar. Ferrabraz, onde tinham uma propriedade? Sim, em seu entender, era a melhor saída. Para o mato, onde já viviam alguns parentes. Elizabeth sabia que nenhum dos jovens manifestava vocação para a agricultura, que era coisa de colono pobre.

Em 1867, o casal e o filho chegaram, de carroça, ao Ferrabrás. Finalmente estavam livres, emancipados, fora da influência da rabugenta viúva e da briguenta Carolina. Mas também estavam afastados do alegre convívio dos amigos de Hamburgerberg. Começava então o drama da solidão, do isolamento, naquele mato, sem vizinhança próxima.

Quatro anos depois, João Jorge descobriu sua verdadeira vocação. Tornou-se curandeiro, o mais famoso da colônia alemã. Era o “Wunderdokter”, o doutor maravilha. Vitória, felicidade? Não, a inveja alheia, comum em sociedades isoladas, como era a dos imigrantes alemães, começou a destruí-lo. Foi preso várias vezes, perseguido e, aos 33 anos de idade, ele e sua companheira tiveram um trágico fim.

#### JOÃO JORGE MAURER (HANNSJOERG)

João Jorge, como tantos outros descendentes dos alemães que imigraram para o Brasil, nasceu, viveu e morreu aos 33 anos de idade na Colônia. Teria tido sorte na vida ou foi um azarento?

Nasceu na Picada Hortêncio, em 28 de fevereiro de 1841. Vocação para a agricultura, não tinha, nem para a carreira militar. Deveria ter de 18 a 20 anos quando fez o serviço militar. Fazia parte de um destacamento da Guarda Nacional de São Leopoldo, que foi aquartelado em Porto Alegre no início da Guerra do Paraguai. Apesar de ter passado algum tempo na capital da Província, não aprendeu a falar a língua do país e também continuou analfabeto.

Seus companheiros de farda foram para o Paraguai e muitos voltaram com medalhas, nos postos de sargento ou alferes. Ele, não, não foi para a guerra. Na volta à Colônia foi trabalhar como carpinteiro, em Hamburgerberg, na oficina de André Mentz, que viria a ser seu cunhado. Casou-se em 1866 com a irmã do patrão e foi morar na casa da sogra, a viúva Maria Elizabeth Mentz. Trabalhou como carpinteiro e marceneiro até comprar um lote de terras, no Ferrabraz, com o auxílio dos parentes.

Por desavenças com a sogra e a irmã mais moça de sua mulher, acabou por construir uma pequena casa de madeira no Ferrabraz e para lá o casal Maurer se mudou, em 1867 já com o primeiro filho.

O trabalho duro, na roça, não agradou ao jovem casal. Certo dia apareceu no Ferrabraz um afamado curandeiro, de nome Buchhorn, mestre no emprego de ervas medicinais para curar doenças diversas. Buchhorn teve em

João Jorge um aprendiz inteligente e observador, que em dois anos aprendeu o ofício e, jogando a enxada fora, decidiu ser curandeiro também.

O Padre Schupp, em seu livro “Os Mucker” diz textualmente: “Quatro anos depois, em 1872, João Jorge Maurer era um médico famoso. De toda a parte afluíam doentes, de São Leopoldo, de Porto Alegre, e até de Pelotas.

Com sua mulher, Jacobina Mentz Maurer, viria a ser um dos principais protagonistas do episódio Mucker.

### JACOBINA MENTZ

Era filha de André Mentz e de Maria Elizabeth Muller sendo, portanto, neta do patriarca Libório Mentz. Nasceu em 1841, numa família de nove irmãos. Aos doze anos passou a sofrer de “estranhos desmaios”.

Conta a história oral que o Dr. Hillebrand, médico da família, chamado para atender Jacobina em seus desmaios, certo dia pegou a manga do casaco da Viúva Mentz, puxou-a para um canto do quarto e cochichou no seu ouvido: “Esta moça precisa de homem, trate o quanto antes de lhe arrumar um marido”.

Jacobina era uma moça bonita e não foi difícil atender à recomendação do médico. Ali mesmo, em Hamburgerberg, onde moravam, havia alguns rapazes que nada queriam com o trabalho duro das roças. Enveredaram para o artesanato, embora mal pago.

Entre a rapaziada havia o João Jorge Maurer, carpinteiro de profissão, bem-apegoado e bem falante. Já cumprira com o serviço militar, na Guarda Nacional de São Leopoldo e já estivera em Porto Alegre. Topou a proposta e casou-se, em 1866, com a moça bonita que sonhava acordada. Ficaram morando com a mãe e a sogra, o que não deu certo, em parte devido às brigas com Carolina, irmã mais moça de Jacobina. Como o trabalho de carpintaria rendia pouco, pois quase todos os imigrantes eram carpinteiros e marceneiros e Jacobina, após o nascimento do primeiro filho, em 1867, passou a ter desmaios mais constantes e severos, a Viúva Mentz jogou o casal no interior da Colônia, ao pé do morro que entraria para a história do Rio Grande do Sul, o Ferrabraz.

Sem ter planejado, a pequena casa de madeira do casal, aos poucos, devido ao fato de João Jorge ter abandonado o trabalho na roça e assumido a rentável condição de curandeiro, tratando doenças com as ervas medicinais da região, transformou-se em ponto de convergência para outros colonos, a maioria desvalidos da sorte ou portadores de alguma doença, que iam à sua casa em busca da cura de seus males e conforto espiritual, pois Jacobina que, desde a infância demonstrara ter pendor para o misticismo, aliás uma

herança de família, passara a promover reuniões entre os colonos para leituras da Bíblia.

### PONTO DE CONVERGÊNCIA

O jovem casal constituído por humildes colonos, evangélicos, nunca planejou transformar sua pequena casa de madeira em ponto de convergência para outros colonos, a maioria desvalidos da sorte ou doentes.

Quis o acaso, ou o destino, ou os insondáveis desígnios de Deus, para os que tem fé, dispor ao contrário. O marido, João Jorge Maurer, carpinteiro de profissão, sem clientes, porque a casa se localizava num lugar longe de tudo e sem nenhuma vocação de tirar o sustento da família da roça, aprendeu com o curandeiro Buchhorn, que passou pelo local, que certas ervas que vicejavam na sua roça e nos matos vizinhos, eram boas para curar dor de barriga, dor de cabeça e até “nó nas tripas”.

Enquanto os pacientes, constituídos inicialmente por parentes e amigos, esperavam pelos “remédios”, chá de ervas ou raízes cruas ou cozidas, a mulher, Jacobina, que não havia sido alfabetizada, mas aprendera ler palavras impressas, lia trechos da Bíblia ou recitava os que sabia de cor. O “negócio” cresceu e muita gente vinha a procura de remédios para o corpo e uma palavra que alimentasse o espírito.

O casal parecia talhado para os misteres a que passaram a se dedicar. Ele, bem falante, maneiroso no trato com as pessoas. Ela, toda simpatia, tinha jeito para o misticismo, uma herança de família. A parte da Bíblia que Jacobina mais recitava era o Sermão da Montanha.

Não tardou que invejosos, sempre os há, passassem a zombar do casal e a chamá-los de “santarrões” e mais tarde de Mucker, uma palavra alemã com grande significado pejorativo. É de se pensar porque a inveja e mais tarde a intolerância contra o jovem casal cresceu ao ponto de os levarem a ser os principais protagonistas de um conflito tão desastroso.

### A PALAVRA MUCKER

Foi o pastor Brutschin de “Baumschneitz” (município de Dois Irmãos) o primeiro a chamar de Mucker os colonos alemães que compareciam à casa do curandeiro João Jorge Maurer, situada no sopé do Morro Ferrabraz. Não explicou por quê. O mais provável pode ser que na sua opinião eram falsos beatos, resmungões, ralhadores ou o seu subconsciente, os considerasse falsos, desonestos, encrenqueiros... Talvez influenciado pela situação religiosa da Alemanha, onde existiam grupos “do contra”, como os anabatistas, que por seu radicalismo, sofriam forte rejeição por parte de protestantes e católicos.

Na minha opinião, Brutschin errou. Foi infeliz no seu pronunciamento. A palavra, em alemão, é antipática, feia. Se tivesse dito que eram um grupo de revoltados, insatisfeitos ou mesmo anabatistas, o episódio sangrento poderia ter seguido outros rumos. Vejam o porquê. A palavra “mucker”, para os alemães é odienta, sinônimo de gente má, inspira ódio, medo. Não se sabe por quê e quando se desencadeou um movimento generalizado, no princípio de desprezo e deboche e, depois, de ódio infundado contra os que participavam de reuniões religiosas na casa de João Jorge Maurer.

A cidade de São Leopoldo e toda a zona colonial que a cercava, foi sendo motivada para atacar e mesmo exterminar os tais Mucker, que na realidade eram gente pacífica, fechada em si mesmos. Duas perguntas começaram a circular: eram puritanos e liam a Bíblia? um deles era curandeiro e sua mulher era sonâmbula?

Convém observar que a palavra “mucker” é invariável no idioma alemão

### ESCRIBA, UM NOME FEIO?

Jesus, o divino mestre, não perdia ocasião de criticar os escribas e fariseus. As multidões da época, de tanto ouvir, da boca do mestre, a palavra “escriba”, de forma depreciativa, por certo entenderam que se tratava de uma palavra feia. Atribuída a gente mal-intencionada.

Quando chegou a Dois Irmãos a notícia de que havia reuniões no Ferrabraz, para a leitura da Bíblia e fundação de uma nova seita religiosa, o pastor Brutschin comentou: são uns “mucker”. Nem o pastor, nem ninguém procurou alcançar o verdadeiro sentido da palavra. Seriam Santarrões, Resmungões, Falsos Beatos? Teria existido na Alemanha, em igrejas evangélicas, algum grupo dissidente. apelidado de Mucker?

O certo é que ninguém tratou de averiguar se o apelido, pejorativo, se ajustava aos protestantes dissidentes que se reuniam no Ferrabraz. Mas foi o que aconteceu. O povo, em massa, espalhou a notícia de que os Mucker do Ferrabraz não eram simples santarrões, pois eram retraídos, não bebiam, não jogavam cartas, ou seja, contrariavam alguns costumes e hábitos da colônia. Como eram fanáticos e intolerantes, eram “mucker” e, portanto deviam ser combatidos.

O pequeno grupo de “puritanos” que se reunia no Ferrabrás foi segregado por todos. Embora, na prática, fossem “samaritanos”, amparando doentes e necessitados, o povo os qualificou de escribas e, como tal, ficou.

### O SERMÃO DA MONTANHA



“Se todos os livros sacros da humanidade se perdessem e se salvasse tão somente o Sermão da Montanha, nada estaria perdido” – MAHATMA GANDHI.

A afirmação do grande líder indiano, que não era cristão, serve de tema de meditação para os que acreditam nas pregações de Jesus Cristo. São as bem-aventuranças que o Divino Mestre disse à multidão que foi ao monte para ouvir sua palavra. Jacobina, desde menina ouvia esses maravilhosos ensinamentos e sabia-os de cor. Só aprendeu a ler palavras impressas após os vinte anos. Certos trechos da Bíblia, no começo das reuniões no Ferrabraz eram recitados por ela, auxiliada pelo jovem Weber e Hardes Fleck. Era a leitura da Bíblia em grupo, tão recomendada por várias confissões religiosas. Enquanto a maioria dos ouvintes era formada por mulheres e crianças, tudo ia bem. As interpretações e explicações de Jacobina eram bem recebidas, pois as bem-aventuranças eram fáceis de serem comentadas e os ouvintes, felizes e contentes, homens, mulheres e crianças, após cada reunião voltavam para suas casas convictos de serem os “pobres de espírito”, os “mansos”, os “limpos de coração”.

Se os “crentes” de Jacobina, que se julgavam “bem-aventurados” queriam fundar uma nova comunidade ou seita, que fundassem, pois isso era coisa de foro íntimo e nem a imprensa, nem as autoridades constituídas, nem os pastores e muito menos os padres tinham que intervir.

## OS BEM AVENTURADOS

Em 1871 Jacobina passou a promover leituras da Bíblia, com uma interpretação bastante peculiar. Sua pregação dava particular ênfase ao conteúdo do Sermão da Montanha onde Jesus Cristo proclamou em oito bem-aventuranças que o céu era o destino dos pobres de espírito, dos que choram, dos que tinham fome de justiça, dos que sofriam perseguições, dos mansos, dos pacificadores, dos misericordiosos, dos limpos de coração, dos injuriados e perseguidos.

A pregação de Jacobina ultrapassou o entorno familiar e passou a atrair os colonos de todas as picadas que se sentiam enquadrados por essas bem-aventuranças.

As leituras promovidas por Jacobina também induziam os que a ouviam, que o fim do mundo estava próximo e que os opressores e os injustos, que seriam os ricos, logo seriam castigados.

Essa pregação de Jacobina, obviamente, despertou na Colônia um sentimento anti-Mucker, que cresceu com o passar do tempo. Esse sentimento anti-Mucker passou a promover injúrias e provocações contra os seguidores

de Jacobina, que prontamente revidaram, resultando numa espiral de violência que atingiria níveis absurdos.

A radicalização das provocações e revides, provocou a intervenção das autoridades de São Leopoldo.



## VIII

### A COMUNIDADE DO FERRABRAZ

#### OS FIÉIS SEGUIDORES DE JOÃO JORGE MAUER E JACOBINA

Na casa dos Maurer, construída numa encosta do Ferrabraz, formou-se uma comunidade, os Mucker, que se reunia para celebrar eventos religiosos. O número dos que participavam dessas celebrações variava conforme a importância do evento, sendo constantemente superestimado por seus opositores, porém o jornalista Karl von Kozeritz, ferrenho adversário do movimento, trouxe a luz o seu real tamanho, ao publicar no jornal de língua alemã *Deutsche Zeitung* (Jornal Alemão), do qual era o redator-chefe, a lista completa dos que efetivamente participaram do movimento:

- 1) - Georg Robinson e família
- 2) - Wilhelm Maurer e família
- 3) – Wilhelm Gaelzer (casado com Maria Sehn em cerimônia conduzida por João Jorge Maurer)
- 4) – August Wilborn e família
- 5) – Karl Maurer e família
- 6) – Johan Georg Fuchs e família
- 7) – Jacob Sehn e família
- 8) – Rodolfo Sehn e família
- 9) – Jacob Graebin e família
- 10) – Johan Schnell e família
- 11) – Friedrich Schnell e família
- 12) – Peter Studt e família
- 13) – Gustav Kessler e família
- 14) – Cristian Kassel e família
- 15) – Valentin Wasen e família
- 16) – Friederich Scherzel e família
- 17) – Peter Konrath, sem família
- 18) – Johan Karl Fuchs e família

- 19) – Georg Jacob Fuchs e família
- 20) – Johan Volz, sem família
- 21) – Peter Mentz e família
- 22) – Carl Sehn e família
- 23) – Nicolau Barth e família
- 24) – Johan Sehn e família
- 25) – Wilhelm Renner e família
- 26) – Johan Renner e família
- 27) – Johan Nicolau Fuchs, sem família
- 28) – Viúva Mentz
- 29) – Jacob Mentz e família
- 30) – Carlos Einsfeld e família
- 31) – Georg Jacob Muller e família
- 32) – Johan Kober e família
- 33) – Peter Karl Jerth e família
- 34) – Heinrich Mentz e família

É até possível que fossem em menor número, pois alguns desses nomes não figuram entre os que, em defesa de sua fé, tombaram ou foram aprisionados nos combates de julho e agosto de 1874 e os capturados posteriormente.



## IX

### OS MUCKER

#### PRINCIPAIS PROTAGONISTAS DO EPISÓDIO MUCKER

Para tentar entender como foi possível ter ocorrido o sangrento episódio Mucker, que teve como palco as encostas do Morro Ferrabraz, situado nos confins da Colônia de São Leopoldo e que entre seu início, em 1886 e seu desfecho em 1874, desenrolou-se em apenas oito anos, se faz necessário detalhar as características e peculiaridades que moldaram seus principais protagonistas.

#### OS RENNERS

Das 34 famílias que viviam no Ferrabrás em 1871/74 e que formavam a comunidade dos Mucker, duas tinham o sobrenome Renner, as de Wilhelm e Johan Renner. Os Renner aparecem pouco em toda a história do conflito.

Presume-se que a grande família dos Renner permaneceu alheia às brigas e intrigas da colônia, antes, durante e depois do episódio Mucker.

## OS MENTZ

A família Mentz, no Rio Grande do Sul, antes, durante e depois do episódio Ferrabraz, destacou-se por ser constituída por homens e mulheres de muita coragem. Desde o velho João Libório Mentz, aqui chegado em 1824, com 59 anos de idade e sua mulher Ernestina Mentz, um ano mais moça. A chegada deste casal despertou no seio dos imigrantes alemães a curiosidade de saber qual o motivo que havia levado esse casal, com idade avançada, a sair de Tombach, na Turíngia (Alemanha) e vir para o Brasil.

Logo ficou claro que eram do contra, principalmente de dogmas religiosos e das autoridades constituídas. Tinham especial repulsa contra os pastores evangélicos e o ensino religioso nas escolas. Nem os cemitérios escaparam de sua rebeldia.

Ideias revolucionárias estavam sempre presentes na mente de Libório Mentz, algumas altamente meritórias. No Hamburgerberg (Hamburgo Velho, bairro do atual município de Novo Hamburgo), onde morava, fundou o primeiro Gesangsverein (Grupo coral) do Rio Grande do Sul, e talvez do Brasil. Construiu no meio do mato a primeira capela evangélica da região. Curioso das coisas do Brasil, possuía até um escravo negro! Esse era um retrato do avô de Jacobina Mentz, principal protagonista do episódio do Ferrabraz, que teria herdado manias e esquisitices desse velho rebelde.

O casal Libório e Ernestina Mentz trouxe consigo quatro filhos, entre eles André, pai de Jacobina.

## DESCENDÊNCIA DE LIBÓRIO MENTZ

Na lista das 34 famílias que constituíram a comunidade Mucker, publicada pelos jornais da época, estão os nomes de Jacó, Henrique, Pedro Mentz e Viuva Mentz (de André Mentz) que também aparecem com ideias semelhantes às do velho Libório. Porém, é preciso ressaltar que todos os Mentz sempre se destacaram como homens do trabalho e empreendedorismo.

O exemplo mais notável é o de Frederico Mentz, laborioso empreendedor, cujo nome foi dado a importante rua de Porto Alegre.

Maria Elizabeth Mentz, viúva de André Mentz, com quem teve oito filhos, mãe de Jacobina, tinha espírito forte, sendo considerada “de faca na bota”, no linguajar gaúcho.

## ANDRÉ MENTZ

André Mentz, filho de Libório e Ernestina, faleceu quando sua filha Jacobina, que seria a principal protagonista do episódio Mucker tinha nove anos de idade. Com certeza ela herdou muita coisa do pai e do avô. Há controvérsias sobre a participação de André na constituição da futura comunidade Mucker. Era do contra e se divertia zombando dos “engolidores de Bíblia”. Faleceu em Hamburgo Velho em 1851, aos 62 anos de idade. Pode-se afirmar que esse Mentz era um homem empreendedor e rico, para os padrões da colônia, pois quando de sua morte possuía terras em Hamburgo Velho, uma “colônia” (lote) em Padre Eterno (atual município de Sapiranga, onde se situa o Morro Ferrabraz) e duas “colônias” em Taquara do Mundo Novo.

### JACOBINA MENTZ MAURER

Jacobina Mentz, a principal protagonista do Movimento Mucker, nasceu em junho de 1861 em Hamburgerberg (atual Novo Hamburgo).

Em 1853, aos doze anos, teve o primeiro de uma série de desmaios que sofreria ao longo de sua curta vida. Esses desmaios a deixavam em estado letárgico e, ao acordar, dizia que não se lembrava do que havia feito durante os mesmos.

Casou com João Jorge Maurer em 26 de abril de 1866 e, em oito anos de casamento, o casal teve seis filhos. No início de 1870, Jacobina passou a promover de forma sistemática reuniões onde lia e interpretava a Bíblia e, no fim desse ano, já era grande o número de pessoas que visitavam o casal Maurer, que passou a ser notado na Colônia, em São Leopoldo e até em Porto Alegre.

Essa notoriedade levaria Jacobina e João Jorge a encontrar a morte quatro anos mais tarde.

### CAROLINA MENTZ

Em Taquari, em fins do século XX, o Reverendo Pastor M. Haetingir dirigia a fundação humanitária Asilo Pella. Ali, num ambiente de paz, de recolhimento, vamos encontrar uma anciã, com 84 anos de idade, Carolina Mentz, irmã mais moça de Jacobina. Foi testemunha de tudo que aconteceu no Hamburgerberg e no Ferrabraz. Bastante lúcida, muito estimada no asilo, era arredia em falar com os repórteres que teimavam em entrevistá-la. Dizia apenas que não esperava justiça por parte dos homens para com sua família sacrificada de maneira tão cruel, pondo todo o fervor de sua fé cristã no juízo que Deus algum dia fará.

Filha de André Mentz e Maria Elizabeth, irmã mais moça de Jacobina, com 8 anos, perdeu o pai. Só lembra que era mandão, muito severo em as-

suntos religiosos. A mãe, a velha Elizabeth, criou as duas filhas numa verdadeira ditadura doméstica e religiosa, de orações, leitura da Bíblia etc.

Lembra-se que uma vez, mãe e filhos fugiram para o mato por causa da Revolução Farroupilha. Nessa época ainda não havia surgido o movimento Mucker. Passaram fome e acabaram dentro de um casebre abandonado, onde havia uma panela com restos de feijão. Apesar das crianças chorarem de fome, a velha não permitiu que comessem, alegando que aquilo não lhes pertencia.

Lembra ainda que o ambiente familiar não era bom. Brigas e mais brigas, com Jacobina doente e a mãe mandona, que ralhava por qualquer motivo. Foi só isso que um repórter conseguiu. Em fins do século XIX, Carolina faleceu viúva em Taquari.

#### OS MAURER

João Frederico Carlos Maurer, solteiro, chegou a São Leopoldo em 1929, vindo a casar-se com Maria Bárbara Voltz. Dessa união nasceram onze filhos, entre eles João Jorge Maurer (1840), que casaria com Jacobina Mentz e Carlos Maurer (1842), que casaria com Susanna Weber.

#### OS SEHN

Johan Sehn, católico, casado com Maria Elisabeth Carolina Senh, protestante, pai de oito filhos, foi um rico colono que aderiu aos Mucker e levou junto toda sua família, exceto uma filha de nome Louise. Sua filha Maria morreria no ataque das forças legais à casa dos Maurer em 19 de julho de 1874. Johan Sehn teria o mesmo destino junto com seus filhos Rodolfo, Jacó, Carl, Martinho, Jacobina e mais 11 fiéis seguidores, após escapar da casa em chamas e refugiar-se na mata, onde foram localizados e mortos em 2 de agosto de 1874.

#### OS FUCHS (RAPOSAS)

Eram tantos que na região chamada de Linha Nova havia o “Fuchs Eck”, recanto dos Fuchs. Esquisitos, havia entre eles os mais variados tipos humanos. O mais conhecido que participou do episódio Mucker foi, sem dúvida “muler Jacob”, João Jacó Fuchs. Outro que era bastante conhecido, era um inspetor de quarteirão, na Picada do Hortêncio. Tinha fama de autoritário e de oprimir os colonos. Sua casa acabou por ser incendiada por desafeitos que criou ao longo de sua vida.

Das mulheres, destacaram-se Maria Elizabeth, Maria Sofia, Maria Catarina, Ana Catarina, Maria Clara, todas envolvidas no episódio Mucker.



Fuchs em alemão quer dizer raposa, animal considerado astucioso pelos europeus.

### TIO FUCHS E SUA MULHER CEGA

Jorge Jacob Fuchs era morador da Linha Nova, no Fuchs-Eck. “Tio Fuchs”, como era conhecido, próspero colono, “bem de vida” como se dizia, aos 81 anos de idade tomou uma ousada resolução a respeito de sua fiel companheira, Frau Elizabeth, que havia perdido a visão. Após muito refletir concluiu que o mais importante, nessa fase de sua vida, era tentar recuperar a visão de sua companheira. Começou a dar destino a seus pertences. O cachorro de estimação deu à sua comadre. Os porcos de sua propriedade a vizinhos e parentes. Vendeu sua vaca de leite e algumas mulas. Sua parilha de cavalos foi mantida. Finalmente fechou sua casa e, a cavalo, o casal seguiu para seu novo destino, o Ferrabraz, onde o curandeiro João Jorge Maurer certamente poderia curar a cegueira de Elizabeth. Chegando a seu destino, com a Bíblia debaixo do braço, Tio Fuchs foi muito bem recebido, pois tratava-se de um patriarca, homem firme em suas convicções religiosas. O casal recém-chegado passou a tomar parte das reuniões de leitura da Bíblia. Frau Elizabeth não recuperou a visão, porém era boa conselheira e sentia-se bem naquele ambiente de fé cristã. A saga do casal Jorge Jacob e Elizabeth Fuchs terminou no trágico ano de 1874. Elizabeth morreu queimada viva no ataque e posterior incêndio à casa dos Maurer. Tio Fuchs, que havia morrido um ano antes do ataque, fora sepultado em sua roça de milho, fora do cemitério mantido pela Igreja, como havia pedido em vida. Sua casa, na Linha Nova foi saqueada e queimada por oportunistas.

### ANDRÉ LUPPER

Veio da Alemanha como imigrante avulso em 1829. Alfaiate de profissão, alterou seu sobrenome de Lupper para Luppá. Devia ter suas razões para isso.

Instalou-se primeiramente na vila de Campo Ocidental mas, em 1848, mudou-se para Campo Bom. Pouco se sabe de sua vida anterior, apenas, diz a história que era conhecido como o “Patrão”. Seria comerciante?

Apesar de frequentar a casa dos Maurer, nunca foi um Mucker declarado, acreditando-se que o fazia por conveniência. Entretanto, prestou alguns serviços à causa da nova seita. Foi um dos integrantes da comissão enviada pelos Mucker ao Rio de Janeiro com o intuito de entregar ao Imperador D. Pedro II um abaixo-assinado pedindo providências das autoridades em face das arbitrariedades policiais, perseguições e saques de que eram vítimas.

Em resumo, pedindo justiça. Esse pedido foi indeferido. Nessa ocasião André Luppa falou ao imperador na qualidade de católico.

Antes do ataque das forças do coronel Genuíno Sampaio à casa dos Maurer, ocorrido em 28 de junho de 1874, 33 Mucker escaparam do cerco. Entre eles estava André Luppa, o “cabeça branca” e seu filho Carlos Luppa. André Luppa e quatro companheiros vagaram vários dias pelo mato até se entregarem às autoridades. Revoltado contra Cristiano Karst, a quem atribuía todas as desgraças porque estava passando e que se refugiara com outros Mucker no mato junto com Jacobina, André Luppa induziu seu filho, Carlos a mostrar o esconderijo Mucker. O capitão Dantas aceitou essa oferta e Carlos Luppa o levou às choupanas que abrigavam os remanescentes do combate de 28 de junho, quando todos foram mortos, inclusive Jacobina.

Os Luppa não tiveram qualquer recompensa e, levados à justiça, foram condenados a 14 anos de prisão, porém foram posteriormente absolvidos em novo júri, junto com outros Mucker e finalmente soltos.

#### AINDA ANDRÉ LUPPER (LUPPA)

André Luppa costumava frequentar a comunidade do Ferrabraz principalmente aos domingos, mas não para ver e ouvir Jacobina pregar. Tampouco estava interessado nos remédios e poções de João Jorge. Nunca se soube quais as suas verdadeiras intenções. Supõe-se que planejava estabelecer no Ferrabraz um centro comercial capaz de rivalizar com São Leopoldo, apoiado por uma comunidade mista, sem predominância nem de católicos, nem de protestantes. No início, o pastor sem rebanho, George Klein, podia se encarregar de organizar essa comunidade. O ambiente era favorável a essa ideia. Somente precisava que as autoridades afastassem do Ferrabraz o casal Maurer, confinando-o em Porto Alegre, talvez para sempre.

André Luppa tinha conhecimento sobre negócios de toda a ordem, adquirido, principalmente, durante a Revolução Farroupilha e a Guerra do Paraguai. Visionário, pensava na construção, por parte dos colonos, de um grande templo ou centro social. Concomitantemente, seriam construídos grandes galpões para estocar mercadorias e seriam apoiadas as atividades artesanais, para a produção de artigos que pudessem ser vendidos na colônia ou em toda a Província. Também seriam construídas habitações para abrigar os artesãos e seus empregados e escolas profissionalizantes.

André Luppa falava português e foi recebido duas vezes pelo Imperador D. Pedro II para apresentar reivindicações dos colonos alemães.

Jorge Robinson estava de acordo com as ideias avançadas de André Luppa. O “velho Sehn” e outros chefes de família que não morriam de

amores por Jacobina e suas infantilidades e sabiam das velhaquices de João Jorge também passaram a lhe dar ouvidos.

Ao verificar que não estava sozinho, André Luppa passou a tramar, de maneira sub-reptícia, a queda de Jacobina, o que explica o comportamento que viria a ter quando do epílogo da tragédia.

### O BOBO DA CORTE

Se houve um, certamente foi Jacó Fuchs, morador da Linha Nova, no beco dos Fuchs. Por ter um parafuso de menos ou de mais, maltratado por parentes e vizinhos, saiu de casa e foi se acomodar no Ferrabraz, na casa do curandeiro João Jorge Maurer, infelizmente casado com Jacobina Mentz. Infelizmente? Sim. Se o curandeiro tivesse casado com outra mulher e morasse em uma colônia qualquer não teria havido o massacre do Ferrabraz. Jacobina tinha dotes paranormais,

De qualquer maneira, Jacó Fuchs chegou à casa dos Maurer, cumprimentou de chapéu na mão e ficou. Um dia, cem dias...

Prestimoso, maneiroso, fez amizades na casa. Primeiro com Ana Maria, depois com a patroa. João Jorge nunca deu atenção ao “muleiro”, mas como ele rachava a lenha e fazia outros pequenos serviços, acabou por aceitá-lo.

Nas leituras da Bíblia, Jacó, que era protestante, portava-se como um crente devoto. Foi dele a iniciativa de introduzir um canto religioso durante os cultos, o que lhe valeu o título de “sacristão” ou de Mestre de Cerimônias.

A seita cresceu e Jacó também. Jacobina foi presa e levada de carroça para São Leopoldo. Dormiu durante toda a viagem. Na prefeitura, continuou dormindo. Só acordou depois de ouvir a voz de Jacó entoando um hino. A seguir, Jacobina foi levada a Porto Alegre e Jacó foi junto.

Jacobina voltou ao Ferrabraz, Jacó também. Quando as “forças da lei” botaram fogo na casa dos Maurer, nem Jacobina nem Jacó lá se encontravam. Jacobina refugiou-se no mato, no que foi seguida por Jacó, mas não se esconderam no mesmo lugar. pois o “bobo da corte” sabia o que ia acontecer. Jacobina foi morta na improvisada cabana em que se abrigara, em 2 de agosto de 1874, mas o refúgio de Jacó não foi encontrado e ele sobreviveu ao massacre.

Era esperto. Enquanto a maioria dos que frequentavam a casa dos Maurer foram mortos ou presos, Jacó foi encontrado 40 anos depois, morando com a mulher e filhos perto de Porto Alegre.

### AS DÚVIDAS DE JACÓ MULA

De cócoras, sentado sobre os calcanhares, Jacó Mula meditava:

“Se nunca se pegou passarinho botando sal no rabo deles, alguém mentiu. E se isso é mentira, tudo o que dizem e fazem nos “cultos” também podem ser mentiras. Eu sei que é mentira a música que vem do céu. Ela vem de uma caixinha de música. A roupa branca de Jacobina, eu vi a Ana Maria costurar. Também a vi confeccionar uma coroa de folhas verdes e a colocar sobre a cabeça dela, a sonâmbula da Jacobina”.

“Sou testemunha de tudo que fazem no Ferrabraz e fora dele. Sei que comentam a intimidade de Rodolfo com Jacobina. Se tudo for mentira, qualquer dia abandono tudo e desapareço. Vou morar com os brasileiros de Santo Antônio da Patrulha ou de D, Pedrito.”

“As mentiras e os boatos saem da venda dos Nadler, ponto de reunião de inimigos dos Mucker e também das picadas da colônia”.

“Leram na Bíblia que o mundo ia acabar, marcaram até a data. Mentira!”

“Porquê mentem, fazem muita gente de bobo? Será que é porquê tem muita gente, como eu, que tem parafusos de mais ou de menos?”

Uma pergunta fica no ar: Jacó Mula botou lenha na fogueira? Ou tentou apagá-la? Uma coisa é certa: Ele não era de briga, não queria guerra.



## X

### A VIDA NO FERRABRAZ

#### UM DIA NA VIDA DE JACOBINA

Certo dia Jacobina estava sentada num banquinho e tinha sobre os joelhos a Bíblia, aberta. Dois “ímpios”, ou seja, colonos adversários dos Mucker, se aproximaram e pediram uma palavra de Jacobina. Não se fazendo de rogada, Jacobina apontou para um versículo da Bíblia e recitou: “Eu sou Cristo e quem vem a mim se salvará”. Os “ímpios” que estavam esperando uma oportunidade para zombar de Jacobina, retrucaram: “Ué, um Cristo de saias? Cadê a barba? Jacobina, perdendo a calma, respondeu: Não, não sou eu, é a Bíblia que diz isto” e atirou-se para traz, caindo desmaiada.

Jacobina desmaiava sempre que era contrariada ou não achava uma resposta convincente, quando era provocada. Depois de algum tempo, recuperou os sentidos e calmamente disse: “Voltem outro dia e tragam café e sal”.

Os provocadores nunca mais voltaram. Foram embora a espalhar por toda a Colônia que Jacobina era uma embusteira, que afirmava que era Cristo.

Não satisfeitos com a calúnia, inventaram a expressão “Christus in” (possuída por Cristo), o que só trouxe mais confusão aos colonos das picadas.

### ENTERRO CRISTÃO

O pastor Henrique Hunsche residiu por muitos anos em Nova Petrópolis, após sua chegada da Alemanha. Em seu “Diário”, com as datas de 1873 e 1874, ficamos sabendo das dificuldades encontradas quando havia um falecimento na Picada Nova, jurisdição pertencente a Nova Petrópolis. Nessa picada moravam os excêntricos Fuchs que, quando morria um deles, não queriam o tal “enterro cristão”. Ou seja, não queriam a presença do pastor para o cerimonial religioso. O pastor, por sua vez, discordava do costume dos Fuchs de sepultar seus mortos fora dos cemitérios oficiais.

Certa vez o pastor Hunsche foi chamado para enterrar cristãmente um menino de um ano e meio, filho de João Jorge Fuchs. Quem queria era o avô e uma tia do menino, que não eram Mucker. O enterro da criança foi feito no cemitério da comunidade com regular acompanhamento de fiéis não pertencentes aos separatistas. Estes não compareceram.

Terminada a cerimônia religiosa, todos foram para casa e o pastor Hunsche seguiu tranquilo para Nova Petrópolis, satisfeito por ter cumprido seu dever. Uma semana depois circulou um boato em toda a Colônia relatando que o pastor Hunsche havia enterrado um caixão vazio!

Como a indústria de boatos era fortíssima na Colônia, nunca se soube se esse relato era verdadeiro ou um simples boato. Entretanto, o senso comum leva a acreditar que era verdade.

### KLATSCHEREI (FUXICOS)

Os colonos, além do duro trabalho diário nas roças ou oficinas, tinham poucos momentos de lazer ou distração. Os homens, nos dias de chuva ou aos domingos, iam até a venda mais próxima para tomar um trago, jogar cartas e, principalmente, saber das novidades. Já as mulheres, as “comadres”, ficavam confinadas em suas casas semanas a fio, à espera de algum boateiro, como Jacó Mula ou algum vizinho, para saber o que se passava. As mais decididas, por vezes, selavam suas mulas e, montadas, ganhavam a estrada, sem dizer palavra. Iam visitar uma comadre distante para desabafar e saber o que pensava a respeito dos últimos acontecimentos, fuxicos, boatos, mentiras, mexericos.

Entre as duas comadres, depois de trocarem opiniões sobre como tornar mais gostosa alguma iguaria, estabeleciam um diálogo mais ou menos assim:

- É verdade que nossa vizinha Elizabeth teve de fato um namorico com o Johan?

- Creio que não, pois ela é católica e ele, protestante. Dizem que o cunhado da Elizabeth passou-lhe um pito em regra, que a deixou vermelha de vergonha, a ponto de nunca mais olhar para o Johan.

- Sabes que a Maria está grávida?

- Barriguda de quem?

- Só pode ser daquele rico filhinho do papai, o Wilhelm...

- Dizem que o Frederick queria casar sua filha única, que está com treze anos, com o Hubert. Mas parece que ele gosta mesmo é da Ana Maria, aquela empregadinha da Jacobina.”

- O Josef, quem diria, virou nosso inimigo. Vangloria-se de ser o maior “sabugueiro da colônia”. Outro dia ele “r abonou” a mula das crianças irem à escola, deixando-a só no sabugo!

Já era o fim da tarde quando Frau Muller montou na sua mulinha, ainda não “r abonada” pelos adversários dos Mucker, e voltou para casa.

“Klatscherei”, nas colônias, antes e depois dos Mucker, constituía-se numa espécie de válvula de escape para romper o isolamento em que viviam os colonos.

## ANA E OS BUGIOS

Casado com uma mulher doente e com três filhos pequenos, João Jorge Maurer foi buscar a jovem Ana Hofstater para ajudar nos trabalhos domésticos. Apresentada a Jacobina, Ana foi aprovada, com a recomendação de que cortasse suas lindas tranças pretas.

Ana foi alojada num pequeno quarto dos fundos do casarão dos Maurer, com uma janela que, quando aberta, permitia ver o escuro e misterioso Morro do Ferrabraz. No seu imaginário de mocinha, perpassava a dúvida: aquele mato medonho era povoado por feras, como onças, tigres, leopardos? Não, não havia animais selvagens de grande porte. Em compensação, trepados nas árvores, havia centenas de macacos ruivos, os bugios.

Uma das características dos bugios é ter a capacidade de emitir potentes roncões, ouvidos a grandes distâncias. Ana, a princípio assustada, acabou por acostumar-se com esses roncões, que ouvia todas as tardes, ao pôr do sol.

Passaram-se quatro anos. A mocinha perdera as tranças, mas fora promovida a faz-tudo, uma espécie de governanta de Jacobina. Tinha poder. Mandava e desmandava. Mas veio o ataque das tropas do exército imperial, apoiado por milícias. O casarão dos Maurer foi incendiado. Jacobina, Ana e mais 14 companheiros, conseguiram escapar do massacre e se refugiaram



nos matos próximos. No precário acampamento que foi erguido, havia pouca comida e os homens, todos os dias, caçavam dois ou três bugios, para matar a fome.

Durante mais de uma semana, Ana eviscerou bugios, praticamente o único alimento dos refugiados. Frio, fome, desespero. Os homens pararam de caçar, pois já não havia mais caça nas redondezas. Finalmente chegou a madrugada do trágico 2 de agosto de 1874, quando um cerrado tiroteio anunciou o ataque desferido pela tropa do capitão Dantas, constituída por soldados e milicianos. Ana, sentada aos pés de Jacobina, tinha no colo a pequena Leidart, última filha do casal Maurer, que tinha três meses de vida.

Ana viu todos seus companheiros de refúgio tombarem, um a um, até que uma saraivada de balas a atingiu em cheio. A mocinha dos bugios morreu, fiel à sua patroa e amiga, a quem soube servir até a morte. Não ouviria mais os roncões dos bugios.

### O CAFÉ COLONIAL

Quando um turista chega ao Rio Grande do Sul, logo pergunta onde pode degustar o famoso Café Colonial. Na região de colonização alemã é a resposta.

Há muitas narrativas sobre quem “inventou” o Café Colonial. Possivelmente não há essa figura, pois esse costume, hoje consagrado no Rio Grande do Sul, provavelmente surgiu espontaneamente no seio da Colônia de São Leopoldo. Entretanto, uma narrativa tem sustentação histórica, a de que o Café Colonial foi “inventado” em 1872 por Ana Maria Hofstatter, espécie de governanta da casa de João Jorge e Jacobina no Ferrabraz.

Naquela época, como o dinheiro era escasso, os colonos que se dirigiam à casa de João Jorge e Jacobina, quer em busca de cura de alguma doença, quer para participar das reuniões religiosas, levavam consigo toda sorte de comida de fabricação caseira: pão de milho, manteiga, ovos, queijo de porco, lombinho de porco defumado, linguiça etc.

O colono levava tudo isso para garantir sua própria subsistência, mas também para pagar o “Wunderdoctor”, João Jorge, pela cura de algum mal e também para demonstrar sua gratidão a Jacobina pelos conselhos e conforto espiritual recebidos.

Pela tradição oral, segundo informações de parentes de Ana Maria, sabe-se com segurança como era o dia a dia do casal Maurer e a frequência da casa em dias de semana e aos domingos e feriados, dias em que havia uma verdadeira festa.

De segunda-feira a sábado, desde manhã cedo, chegavam à casa de madeira de João Jorge colonos de todas as picadas e linhas do município de

São Leopoldo. Vinham a pé ou cavalgando mulas, chegando desanimados, cansados, abatidos pelo duro trabalho nas roças ou barracões de artesanato. Eram recebidos carinhosamente por Ana Maria.

Atrás da casa havia um laranjal em cuja sombra foram instalados bancos e cadeiras, uma mesa de madeira comprida e alguns catres de lona, tudo feito pelo “Wunderdoctor”, que era carpinteiro de profissão.

Com o auxílio do prestimoso e sempre disponível Jacó Mula, Ana Maria enchia a mesa com o que havia na despensa: ovos, manteiga envolta em folhas de repolho, pães de milho e de centeio, linguiças e morcilhas, toucinhos etc. Num prato de cerâmica eram colocados favos de mel, laranjas, abacaxis e outras frutas da estação.

O ponto alto era um bule de café fumegante trazido por Ana Maria, acompanhado por um de leite. O recém-chegado iniciava sua refeição provando um pedaço de favo de mel, com a recomendação de Jacó Mula de que não deveria engolir a cera, pois era usada por João Jorge para fazer emplastos e unguentos.

Bem alimentado, envolto no perfume das flores que ornamentavam o pátio, o colono que viera em busca de um alívio para algum sofrimento, deitava num catre e caía no sono. Quando acordava, se sentia melhor do que quando chegara. Esse “doutor” era mesmo maravilhoso.

Esse era o Café Colonial dos Mucker, que poucos anos depois seriam, quase todos, trucidados. Talvez por promover “curas milagrosas” e não seguir os padrões religiosos e políticos da colônia.

## NAMOROS E NAMORICOS

- Jacobina e João Jorge

A viúva Maria Elizabeth Mentz morava no Hamburguerberg, em companhia das filhas Jacobina e Carolina. Jacobina, ao atingir a idade considerada apropriada para casar, conheceu João Jorge Maurer, moço insinuante, bem falante, carpinteiro de profissão. Começado o namoro, sob a vigilância cerçada da velha Maria Elizabeth e da jovem Carolina, o casamento não se fez esperar, ela com 24 anos e ele com 23 anos de idade.

- Ana Maria e Jorge Haubert

O namoro de Ana Maria e Jorge Haubert foi lindo, secreto. Jorge, de 16 anos, esteve na casa dos Maurer por pouco tempo. Quando Ana Maria estendia as roupas lavadas no varal, no pátio, o rapaz aparecia e começou o namoro. Foi preso e, com outros Mucker, levado para São Leopoldo. Não voltou mais. Foi assassinado pelo próprio padrinho.

Ana Maria chorou em silêncio e nunca perdoou a Robinson, o padrinho, a morte de seu amor secreto.

- Susana e João Warth

Susana, 20 anos de idade, era filha da viúva Bender, moradora da Linha dos Portugueses. João, protestante, era um jovem Mucker que frequentava o Ferrabraz. O namoro entre ambos foi interrompido pelas escaramuças, incêndios de casas e mortes decorrentes da crescente animosidade entre os Mucker e os colonos não Mucker. Susana, que também era protestante, mas não queria pertencer à seita, antevendo a tragédia que se aproximava, refugiou-se sucessivamente na casa de parentes, amigos e até nos matos. Susana e João, tragados pelos acontecimentos, não conseguiram se casar.

- Elisabeth e João Lehn

Elisabeth Mentz, casada com Henrique Mentz, irmão de Jacobina, tinha dois filhos e morava com o marido, perto da casa do Inspetor João Lehn. Henrique e Lehn visitavam-se e tornaram-se amigos. Conversavam, entre outros assuntos, sobre armas e cavalos, enquanto Elisabeth, de cabeça baixa, tricotava. Depois, simplesmente aconteceu. Os olhares se cruzaram. Como resistir àquele homem, voz macia, olhos azuis, barba longa, dente de ouro...

João Jorge Maurer, cunhado de Henrique, interveio, antes que o namoro se transformasse em romance.

- Maria Sehn e Guilherme Gaelzer

Maria Sehn, de 20 anos e o jovem Guilherme Gaelzer Filho tiveram o mais lindo romance durante o episódio Mucker. O namoro começou na casa do velho João Sehn, homem de posses onde o jovem Gaelzer, dono de embarcações, era bem-vindo. Amaram-se e casaram-se. Casamento à moda dos tempos modernos, pois a noiva estava grávida.

Quando o coronel Genuíno atacou o casarão dos Mucker, em 19 de julho de 1874, Maria Sehn, em companhia de outras mulheres e crianças, estava lá, com seu filhinho de seis meses no colo. “Rendei-vos”, foi o ultimato dos atacantes. “Não há rendição”, foi a resposta. No combate que se seguiu, foi incendiada a casa que servia de templo da seita.

Maria Sehn foi morta a tiros. Um soldado pegou o menino pelas pernas e o salvou de ser queimado vivo. Guilherme Gaelzer Filho não participou do combate, pois estava preso. Posteriormente foi engajado compulsoriamente na Armada Nacional no Rio de Janeiro. Voltou a São Leopoldo muitos anos depois. Encontrou seu filho e deu-lhe educação esmerada. O menino,

Guilherme Gaelzer Netto, salvo do incêndio do casarão por um soldado atacante, estava destinado a ser delegado e, por 14 anos, intendente de São Leopoldo.

#### - Jacobina e Jacó Mula

Jacó Fuchs morava no Fuchs Eck (Beco dos Fucks), na Linha Nova. Rejeitado pelos parentes, aproximou-se dos Mucker, no Ferrabraz. Era casado e tinha filhos. Na casa de João Jorge e Jacobina foi bem acolhido. Fazia de tudo: rachava lenha, cuidava das colmeias etc. Assistia às leituras da Bíblia, sempre em atitude respeitosa. Propôs que se cantassem hinos durante os cultos, o que foi bem aceito. Foi promovido a sacristão e mestre de cerimônias. Prestimoso, solícito, ganhou a estima de Jacobina. Esteve presente em todos os confrontos, foi preso e solto, sempre a serviço de sua patroa, Jacobina, a quem venerava.

Conta a lenda que, no quarto de Jacobina, havia um catre, destinado ao fiel servidor Jacó. Quando os adversários lhe perguntavam se, de fato, dormia no quarto de Jacobina, respondia com uma gargalhada. Foi o que bastou para os adversários dos Mucker espalharem a notícia de que Jacó Mula era amante de Jacobina. Sim, ele amava a sua deusa, porém de maneira diferente, aquilo que os entendidos chamam de amor platônico.

Deve-se levar em conta que Jacó Mula tinha um parafuso a menos. Esperto, não morreu de armas na mão. Sobreviveu ao episódio, não foi preso, se afastou da região do conflito e foi morrer, em idade avançada, junto a sua mulher legítima e dos filhos, longe da Colônia. Sabe-se apenas que passou sete anos escondido nas matas do rio Caí.

#### - Jacobina e Rodolfo Sehn

Jacobina e Rodolfo seriam amantes? Para os adversários que taxaram a profetisa de bruxa, sedutora de homens e até de prostituta, ela também seria amante do feroso Rodolfo. Entretanto, é preciso considerar que o velho Sehn, pai de Rodolfo, era católico e se aproximou do Ferrabraz depois que mataram cavalos seus e de Rodolfo e prenderam e mandaram para o Rio de Janeiro, para ser incorporado à Armada Nacional, o jovem Gaelzer, casado com sua filha Maria.

Rodolfo chegou-se aos Mucker para vingar-se dos adversários de seu pai. Participou ativamente de todas as escaramuças, inclusive de incêndios de casas de adversários.

Na prolongada ausência de João Jorge durante a viagem que empreendeu ao Rio de Janeiro para entrega ao Imperador D. Pedro II as queixas dos Mucker contra o que acontecia em seu desfavor na Colônia, as coisas no

Ferrabraz não andaram bem. Jacobina, atordoada, atucanada, não sabia o que fazer. Surge então o vigoroso Mucker Rodolfo Sehn a oferecer seus préstimos. Foi aceito. Nas reuniões sua palavra era ouvida e acatada. A maledicência, como sempre, se espalhou: seria o jovem Rodolfo amante de Jacobina? Claro que não. Ele era bem casado, tinha esposa e filhos.

João Jorge voltou. Aceitou as mudanças ocorridas na sua ausência, incluindo as relacionadas com Rodolfo Senh. Veio o confronto com o Exército e milicianos, com final sangrento. Os Mucker que resistiram no casarão do Ferrabraz, foram mortos ou feitos prisioneiros. Jacobina, com mais 15 seguidores fiéis, refugiou-se no Monte, conforme estava escrito na Bíblia. Rodolfo, seu pai e seus irmãos estavam entre os que seguiram Jacobina. O capitão Dantas, após a morte do coronel Genuíno, seu comandante, não se conformou. Preparou uma pequena e selecionada tropa e, após descobrir o local do refúgio de Jacobina, realizou o ataque final, em 2 de agosto de 1784. Todos os Mucker que haviam sobrevivido ao ataque do dia 19 de julho foram mortos. O último homem a morrer foi Rodolfo; a última mulher foi Jacobina. Morreram abraçados.

É possível que, naqueles 14 dias em que conviveram na improvisada choupana erguida na mata, Jacobina e Rodolfo tenham se amado de verdade, o que antes não fora possível. Porém, não sobreviveu ninguém para contar a verdade.

## DUAS AMIGAS DE VERDADE

Ao se conhecerem, ambas tinham cerca de 20 e poucos anos de idade. Uma veio da Alemanha, em companhia dos pais e a outra nascera nas margens do rio dos Sinos. Eram as duas Marias. Uma, bastante referida neste relato, era Maria Hofstater e a outra Maria Sehn, já referida como a mãe de um futuro Intendente de São Leopoldo.

Costumavam se encontrar no sobrado de Johan Sehn ou no quartinho dos fundos da casa dos Maurer. Se trocavam confidências? Muitas.

- Tu que vieste da Alemanha de navio grande, como foi a viagem?

- Ruim, muito ruim. Viagem na 2ª classe, mar grosso, mar fino, parecia que nunca ia terminar. Gente mal-educada, homens beberrões, não gosto nem de lembrar. E tu? Como andas de namoro?

- Ah, o Guilherme tem vindo me visitar aos domingos, sempre elegante. Às vezes à tarde, às vezes à noite. Quando vem à noite, após o jantar, costumamos continuar sentados à mesa, de mãos dadas. Depois, como deves saber, os homens gostam dos seios das mulheres e quando podem...acabam por passar a mão. Carinhos sentados, em pé...nem sabes como é bom. Sim, tenho medo. Meu pai é católico, minha mãe luterana, ambos durões. Outro

dia te conto mais e, ainda por cima, o Guilherme pode ser preso...Até outro dia...

Eram assim as confidências das duas meninas-moças, cheias de vida. Maria Sehn ficou grávida de seu noivo, o simpático Guilherme Gaelzer, moço rico, dono de embarcações que realizavam transportes no rio dos Sinos.

As duas Marias foram mortas em dias e situações diferentes, por ocasião da tragédia Mucker.

### OUTRAS CONFIDÊNCIAS ENTRE AMIGAS

- Tu nem podes imaginar que natal triste, diferente, eu passei. De manhã cedo fomos todos ao culto em Padre Eterno, na igreja do Boebler. Todos me olhavam. Depois fui para a casa do papai. O pinheirinho em cima da mesa só tinha uns flocos de algodão, uns ovos pintados, alguns chocalhos de porongo com feijão dentro. No almoço, galinha com batatas, ninguém falou. O dinheiro, meu ordenado, em dobro, amarrado num lenço, estava numa mesinha de canto. O velho, luterano durão, me olhava como se eu fosse criminosa. Mamãe chorou baixinho. Aí me dei conta de que as velhas, na igreja do “Leonerhof”, me olhavam e cochichavam; “Ela está bonita, pele branca, não anda no sol, foi promovida a governanta da Jacobina”.

- Que triste, mas me conta, andas namorando?

- Como tu és minha melhor amiga, vou revelar o meu segredo. Ele é mais moço do que eu, quatro anos. Fala comigo no pátio, quando vou estender as roupas no varal. Levaram ele preso para São Leopoldo, junto com outros Mucker. Tenho ódio do tal Robinson, padrinho dele.

Assim, sempre que possível, as duas amigas trocavam confidências. Mal sabiam que negro futuro estava reservado a ambas. Depois desse diálogo, não se veriam mais. Maria Sehn, com o filho de seis meses no colo, morreria com um balaço no peito, dentro do casarão em chamas. A outra, sempre fiel a sua patroa e amiga Jacobina, a acompanhou no refúgio na mata, onde encontrou a morte, junto com quinze companheiros, na chacina final.

### OS CEGOS

O rico comerciante Heirinch Kautzmann, do vilarejo de Campo Bom, levou sua filha cega ao Ferrabraz, para que João Jorge Maurer, o “Wunderdoktor”, a curasse. Como não a curou, Kautzmann tornou-se terrível adversário dos Mucker e assinou o famoso abaixo-assinado de 13 de maio de 1873, em que 43 pessoas pediam às autoridades providências contra os Mucker.



Jacob Barth, também de Campo Bom, tinha uma filha que ficara cega por “bexigas”. Aderiu aos Mucker para que João Jorge curasse a menina. Deu uma encrenca medonha com seus antigos vizinhos, que passaram a hostilizar o velho e benquisto Nicolau Barth, seu pai. Não se sabe se houve cura.

Sempre houve hóspedes cegos na casa de João Jorge e Jacobina. Elizabeth Fuchs, a esposa de “Tio Fuchs” permaneceu cega, mas tornou-se útil à comunidade como conselheira e babá de crianças.

O doutor “maravilhoso”, em certa época, incumbiu o “cabeça branca” Lupper e o Georg Robinson de espalhar pela colônia que não lhe trouxessem mais clientes cegos. De nada adiantou. Diziam que, se as ervas de João Jorge não curam, Jacobina haveria de conseguir um milagre, porque tinham fé nela.

E ainda havia a história de um velho colono, cujos olhos branquearam pela catarata. O doutor João Daniel Hillebrand tentou levá-lo para São Leopoldo ou para a Santa Casa de Porto Alegre. O filho do colono cego, peremptoriamente não concordou e disse: Jesus curou muitos cegos, portanto tenho fé que Jacobina consiga o milagre!

#### A TRADIÇÃO ORAL VERSUS O RELATO OFICIAL

Em 1918, meu pai possuía uma casa comercial no vilarejo denominado de Canelinha, próximo à atual cidade de Canela. Para tocar seu negócio, tomava emprestado pequenas quantias em dinheiro a juros módicos, de antigos colonos residentes em Nova Petrópolis. No fim de cada mês, ele me dava um envelope fechado, com a seguinte ordem: Hugo, encilha um de nossos melhores cavalos e leva estes envelopes aos destinatários, na Linha Brasil e Linha Marcondes. Esse trabalho de “estafeta” me permitiu conhecer velhos colonos, de quem ouvi muitas histórias.

À noite, a luz de lampiões, corria uma roda de mate na pequena venda, com a participação dos vizinhos mais chegados. Nessas mateadas eram contadas histórias de seus antepassados, sendo o acontecido no Ferrabraz um dos assuntos tratados, contados por descendentes de um e do outro lado. Curioso, costumava tomar notas em um caderno, que mais tarde se chocaram com o contido na clássica obra do Padre Schupp “Die Mucker”.

Os descendentes da família Hofstatter contaram muitas histórias de Ana Maria Hofstatter, desde quando fora chamada para cuidar das crianças de Jacobina.

A dupla Ana Maria e Johan Jacob Fuchs, o “Jacó das Mulas” mandava na casa de João Jorge Maurer, o curandeiro. Divertiam-se com as brincadeiras: ramos verdes na cabeça de Jacobina, que era sonâmbula, vestidos brancos,

uma caixinha que tocava música “celestial”. Riam e se divertiam à custa da ignorância dos colonos.

No quarto de Jacobina havia um catre, onde, às vezes, Ana Maria passava as noites. Detratores, diziam que “Jacó das Mulas” também usava esse catre. Perguntado, ele respondeu: “Vocês acham que ia faltar com o respeito à uma pessoa doente? Jacobina estava grávida ou amamentava durante toda sua vida de casada. Seis filhos em oito anos de casamento. Como poderia ter amantes?”

Conta a lenda que ela, às vezes, fingia que lia a Bíblia, pois sabia de cor muitas passagens. Era semianalfabeta.

A princípio João Jorge, o “Heiler” (curandeiro), curava com ervas e emplastros os colonos que o procuravam e Jacobina “lia” a Bíblia. Tudo ia bem, até que apareceram os aproveitadores: Hardes Fleck, João Weber e outros. “Jacó da Mulas” foi promovido a Mestre de Cerimônias, orientando o canto de hinos religiosos e as reuniões se transformaram em culto doméstico. Jacobina, desde menina, tinha a mania de profetisa e esse foi seu maior erro, pois dizia muitas bobagens, que acabaram por virar sua cabeça e as dos seus ouvintes.

Os velhos contadores de histórias, sabendo do interesse do “guri do Muxfeldt”, costumavam recordar de muitas passagens e histórias engraçadas, que não foram registradas nos livros. Um deles contou que “meu pai viu quando as colmeias do Hofstatter, pai da Ana Maria, foram vandalizadas e roubadas por seus adversários”.

Havia os que conheceram Jacó Fuchs e sabiam que ele gostava do apelido de Jacó das Mulas. Comprava mulas e cavalos estropiados, baratos, dos fazendeiros de Santo Antônio da Patrulha e os vendia por bom preço aos colonos. Sabia falar português, mas era analfabeto.

Meu pai me contou que conheceu um colono que viu quando Ana Maria foi comprar sal, café e açúcar na venda do Nadler, que se recusou a atendê-la: “Menina, vá embora, porque eu não vendo nada para os Mucker”.

### A CAIXINHA DE MÚSICA

Pela tradição oral, contada por descendentes dos Mucker que foram testemunhas oculares do que se passava na casa do casal Maurer e mudaram-se para Nova Petrópolis, após terem sido absolvidos dos crimes que lhes eram imputados, desvendou-se o mistério da música que parecia ter vindo do céu, num dia de reunião na casa dos Maurer.

Ana Maria Hofstatter, espécie de governanta de Jacobina, sabedora que uma família de imigrantes havia trazido da Alemanha uma caixa de música, dessas que funcionam a corda, pediu-a emprestada. Por brincadeira ou de

caso pensado, escondida atrás de uma porta ou guarda roupa, enquanto Jacobina “lia” a Bíblia, tocou uma música “celestial”, causando forte impressão nos presentes. Provavelmente pretendia impressionar as mulheres e crianças presentes, que eram maioria.

Essa mesma Ana Maria, em combinação com o Jacó Mula, teria sido a responsável pelo aparecimento de Jacobina, em público, vestida de branco e com uma grinalda de folhas verdes na cabeça. (Versão transmitida por parentes de Ana Maria e Jacó Fuchs).



## XI

### CISMA RELIGIOSO

#### OS CEMITÉRIOS NA COLÔNIA

Existiram vários cemitérios na Colônia, todos com aspecto lúgubre. Como quase sempre eram localizados em terrenos elevados, podiam ser vistos de longe, com suas cruzes de madeira, de ferro ou de pedra cinzelada. O que mais chamava atenção de quem se aproximava era a existência de uma grande cruz de madeira fincada bem na frente de cada cemitério, com a seguinte inscrição: “Mann, rette deine Seele” ou seja “Homem, salva tua alma”.

Os cemitérios localizados junto a igrejas ou capelas, eram chamados de “Kirchhof” (cemitério da igreja), enquanto os demais eram apelidados de “Friedhof” (cemitério). Alguns cemitérios eram de propriedade familiar.

As lápides dos túmulos, por vezes, continham curiosos epitáfios, que hoje servem de testemunhos históricos de fatos ocorridos no chamado episódio Mucker. Existe, no cemitério de Lomba Grande, município emancipado de São Leopoldo, uma lápide com a seguinte inscrição:

“Hier ruth die Familie Kassel Ermerdt umd Verbrand durch diecherband”  
(Aqui jaz a Família Kassel morta e queimada pelo bando Mucker)

No cemitério de Travesseiro, município emancipado de Arroio do Meio, cidade localizada no vale do rio Taquari, encontra-se um túmulo cuja lápide tem as seguintes inscrições, em alemão:

“Johann Jakob Fucks nascido na Alemanha em 1835 e falecido no Brasil em 1908” e “Die pforte ist enge und der wed ist schmal der zum leben fuhr

wenige sind ihre die ihn finden” ou seja “Estreita é a porta, apertado é o caminho da vida e poucos o seguirão”.

Portanto pertence a Jacó Mula, que sobreviveu à hecatombe ocorrida em 1874 e teve vida longa e o texto que se segue é de uma das citações da Bíblia preferidas por Jacobina (Mateus, capítulo 7, versículo 14).

### O CEMITÉRIO DOS SEPARATISTAS

O historiador e pesquisador Leopoldo Petry buscou na Alemanha dos séculos XVII e XVIII, documentos que o ajudassem a elucidar dois enigmas surgidos em suas pesquisas sobre o Episódio Mucker: o significado da palavra Mucker e a veracidade da existência de “cemitérios separatistas” em território alemão. Quanto à palavra Mucker, nada conseguiu. Entretanto, recebeu um exemplar de um jornal alemão que dava notícias da existência, na Alemanha do século XVIII, de um “cemitério de separatistas”.

A reportagem explicava que nesse século, um grupo de famílias da Igreja Evangélica Luterana passou a discordar do ensino religioso da Igreja, dando início a um “movimento separatista”, que terminou por ser reconhecido pelo governo da Baviera, propiciando assim o surgimento de “cemitérios separatistas”, ou seja, fora da alçada da Igreja.

Os “separatistas” acabaram por se reconciliar com a igreja oficial em fins do século XVIII, mas havia ao menos um obstinado, teimoso, que não concordou com essa reconciliação e acabou, já em idade avançada, em emigrar para o Brasil em 1924. Quem foi o obstinado, um pacato “separatista” que queria um cemitério particular? Nada mais, nada menos, do que Libório Mentz, pai de André Mentz e avô da enigmática Jacobina Mentz.

Essa parece ser a semente das ideias separatistas que, plantadas em Hamburgerberg, migrou para a nascente comunidade do Ferrabraz. Em aberta rebelião contra pastores e padres, alguns colonos, discordando do ensino religioso das igrejas, retiraram seus filhos das escolas, enquanto que outros rejeitaram o sepultamento nos cemitérios “oficiais”. O certo é que todos passaram a acreditar piamente na leitura e interpretação da Bíblia promovida por Jacobina, o que acabou resultando em tragédia anunciada.



## XII

### O MOVIMENTO ANTI-MUCKER

## O MOVIMENTO ANTI-MUCKER

Colonos invejosos da prosperidade do jovem casal, comerciantes inescrupulosos que viam seus lucros diminuir, pois os seguidores do casal Maurer, além de não beber, viviam frugalmente, os padres e pastores que temiam perder parte de seus rebanhos e respectivas contribuições, passaram a zombar do casal e a chamá-los de (santarrões) e mais tarde Mucker, uma palavra alemã com grande significado pejorativo. É de se pensar porque a intolerância contra o jovem casal cresceu a ponto de os levarem a ser protagonistas de um conflito tão desastroso.

## DENTES DE OURO

Durante o episódio do Ferrabraz, surgiram duas figuras importantes, ostentando dentes de ouro na boca. Eram ambos do sexo masculino, altos, fortes, em resumo, de boa aparência. Um, casado com mulher e filhos, morava perto da casa dos Maurer, numa casinha de taboa. Era o Inspetor de Quarteirão João Lehn, católico, ligado aos jesuítas de São Leopoldo e, obviamente, informante do subdelegado de polícia a quem era subordinado. Tinha um só dente de ouro, bem visível ao falar que impressionava seus interlocutores. O outro, Felipe Sehn, mais abonado, tinha vários dentes de ouro e se vestia com capricho. Era dono do melhor moinho da região e também de um escravo negro, que trabalhava em sua olaria.

Felipe Sehn, também católico, acabaria por comandar uma milícia de 300 homens quando do ataque contra os Mucker.



## XIII

## AS PROVOCAÇÕES

### BRINCADEIRAS DE MAU GOSTO

Bem no começo, pareciam ser brincadeiras de mau gosto, levadas a cabo por colonos sem muitas distrações. Nunca se soube quem os instigava: autoridades policiais, donos de vendas (os Mucker levavam vida extremamente simples, portanto eram frugais no consumo), padres ou pastores descontentes com a seita que se formava ou simplesmente não havia instigadores. Seriam fruto de jovens que não tinham muito o que fazer.

Começaram como simples brincadeiras, sempre em noites de luar, serviam de diversão, risadas, gozações, já que na Colônia não havia, naquela época, jogos de futebol, nem espetáculos circenses, apenas poucos bailes.

Reunia-se uma turma de rapazes, normalmente em número de três ou quatro e se dirigiam aos poteiros onde estavam confinados os animais dos colonos selecionados como alvos e “rabonavam” mulas, vacas e terneiros. Se encontravam colmeias de abelhas, simplesmente as derrubavam no chão. Roupas esquecidas do lado de fora das casas eram espalhadas nos poteiros ou dependuradas nas cercas. Estas, quando eram de madeira, eram queimadas. Os Mucker retaliavam na mesma moeda.

As “inocentes brincadeiras” acabaram por tornar-se algo muito mais grave, verdadeiras provocações. O barco de Guilherme Gaelzer foi virado no meio do rio.

O que aconteceu com o barqueiro Rodolfo Sehn já foi um crime. Ele havia comprado quatro lindos cavalos em Lomba Grande, sendo dois reprodutores. Custaram muito dinheiro. Uma noite sua estrebaria foi arrombada e os cavalos foram levados para o mato. No dia seguinte foram encontrados mortos à beira do arroio Sapiranga. Vingança? Inveja? “Forças ocultas”?

Essa provocação, a maior de todas, serviu para que o pai de Rodolfo, seus irmãos e toda a família aderisse aos perseguidos do Ferrabraz, na esperança de que as autoridades policiais terminassem com as provocações e crimes. Tudo em vão. Os crimes aumentaram e a gente do Ferrabraz, provocada, resolveu agir. Deu no que deu. Em resumo, cutucaram a onça com vara curta, no dito popular.

### A DESTRUIÇÃO DAS COLMEIAS

Na petição que uma comissão composta por três Mucker levou ao Rio de Janeiro e que foi entregue nas mãos de D. Pedro II, constava a destruição de centenas de colmeias de propriedade de colonos Mucker, levada a cabo por seus adversários.

As colmeias de então, eram constituídas por caixas de madeira ou troncos de árvores ocas, de aproximadamente um metro de comprimento, que eram instalados, de pé, ou deitados nos pátios das casas, formando um colmeal. Cada caixa ou tronco abrigava um enxame de abelhas. Cada enxame produzia, em média, 50 litros de mel por ano.

Quando tiveram início as provocações levadas a cabo por ambos os lados, nas noites de lua cheia, os provocadores e os Mucker passaram a derrubar caixas e troncos, fazendo com que as abelhas abandonassem as colmeias e fossem procurar abrigo mais seguro nas matas da região



## OLHO POR OLHO, DENTE POR DENTE

A máxima “olho por olho, dente por dente”, tem origem na lei de talião, registrada no Código de Hamurabi, o mais antigo código escrito na história da humanidade. Essa expressão é encontrada nos livros bíblicos Êxodo, Levítico e Deuteronômio e, em sua essência, prescreve que deve haver reciprocidade entre crime e castigo, ou seja, uma vez cometido um delito, deve ser infligido ao delinquente o mesmo dano ou mal que ele praticou.

Entretanto, Jesus Cristo, no início do Sermão da Montanha disse: *Vocês ouviram o que foi dito; olho por olho, e dente por dente. Eu, porém vos digo: Não se vinguem de ninguém dos que lhe fazem mal. Se alguém lhe der um tapa na cara, vire o outro lado para ele bater também.*

É no mínimo intrigante saber o que levou a comunidade reunida nas leituras bíblicas que aconteciam no Ferrabraz a substituir o cultuado Sermão da Montanha pela lei de talião. Mas foi o que aconteceu, com trágicas consequências.



## XIV

### CRESCEM AS HOSTILIDADES ANTI-MUCKER

#### DOIS ABAIXO-ASSINADOS

O líder católico Felipe Sehn, apeou em frente à casa do professor Weiss e pediu que ele redigisse um documento contra os Mucker para ser entregue às autoridades competentes. O professor, também católico, passou a noite escrevendo e no dia seguinte o próprio líder, em companhia de mais dois colonos, foi buscar o abaixo-assinado.

Considerando bom o trabalho do professor Weiss, o trio passou a colher assinaturas que o legitimassem. Conseguiram 47 assinaturas de desafetos dos Muckers e de comerciantes, que se julgavam prejudicados pela pregação moralista que eles abraçavam. Datado de 10 de maio de 1873, seguiu os trâmites legais na polícia e nas repartições burocráticas estaduais. O que os abaixo assinados pediam? O fechamento do local de reuniões dos Mucker.

Outro abaixo-assinado, desta vez com duas mil assinaturas, foi remetido diretamente ao governo da Província. O que pediam? Simplesmente a deportação dos Mucker. Ofereciam “pagar-lhes as propriedades com dinheiro à vista pelo preço que fosse ajustado, por mutuo acordo ou fixado por arbi-

tramento”. Duas mil assinaturas? Cifra enorme, diz o Padre Schupp, para uma população tão escassa.

Esse documento chegou a Porto Alegre mas acabou engavetado, de modo que nunca se soube se as assinaturas eram verdadeiras ou falsas.

#### AGRAVAM-SE AS HOSTILIDADES CONTRA OS MUCKER

As hostilidades contra os Mucker, inicialmente veladas, agravou-se quando o abaixo assinado, contendo 47 assinaturas, foi entregue ao delegado de polícia de São Leopoldo. O abaixo assinado dizia, entre outras “denúncias”, que na casa do casal Maurer se promoviam reuniões para fundar uma nova religião. O abaixo assinado fora encabeçado pelo pastor protestante Boebler. Este pastor conquistou o apoio dos padres que tinham paróquia na região e que não estavam gostando de que suas ovelhas se reunissem fora das igrejas, lessem a Bíblia e trocassem ideias sobre a fundação de uma nova associação, seita ou comunidade cristã.

Atirada a primeira pedra, a grande maioria da Colônia uniu-se e passou a hostilizar aquele pequeno grupo, que por sua vez isolou-se ainda mais, não se incomodando com as provocações. O antagonismo entre Mucker e não Mucker, não passaria de uma rusga entre comunidades religiosas, aliás o que sempre houve entre os protestantes, até que a imprensa passou a noticiar boatos e mentiras sobre o que acontecia na casa do casal Maurer.

O machismo imperante na Colônia não podia deixar passar despercebido o fato de que uma mulher, simples colona, semianalfabeta, lesse e interpretasse a Bíblia em público. Cada vez mais virulentos, os jornais, em alemão e em português, subiram o tom, classificando Jacobina como embusteira, sedutora de homens, prostituta, bruxa.

Esses grosseiros ataques tiveram como consequência a indignação, não só dos Mucker, mas também de muitos chefes de família, católicos e protestantes, que hipotecaram solidariedade ao grupo que frequentava o Ferrabraz.

Depois que os jornais noticiaram que o grupo havia crescido, pois A Reforma, um jornal de Porto Alegre havia publicado em sua edição do dia 10 de maio de 1873, a seguinte matéria: “Estão reunidos cerca de 500 homens armados no Ferrabraz”, o movimento anti Mucker passou a mobilizar uma importante parcela da Colônia, que pedia, com urgência uma solução para o que ocorria.

#### BRIGADAS CIVIS

Enquanto na Colônia crescia o interesse sobre o que ocorria no Ferrabraz, Porto Alegre e Pelotas, as maiores cidades da Província, onde vivam mui-

tos veteranos da recente Guerra do Paraguai, passaram a se preocupar com a provável eclosão de uma nova guerra, desta vez contra os “fanáticos gringos” de São Leopoldo.

Voluntários ofereciam-se para marchar para a “guerra” que se avizinhava e muitos se candidatavam a substituir os combatentes nas tarefas de paz, exatamente como ocorrera durante a guerra recém terminada.

### SIMPLESMENTE, AS COISAS ACONTECEM

O comerciante José Kramer, que gostava de tomar a sua cachacinha, saiu a cavalo pelas picadas e matos. Foi encontrado morto muitos dias depois, com dinheiro e documentos nos bolsos. A causa mais plausível de sua morte seria a consequência de uma queda do seu cavalo. Foram os Mucker! bradavam os seus oponentes, apesar de não existir nenhuma evidência que confirmasse essa acusação.

Pedro Hirtz enforcou-se em seu quarto em Sapiranga. Era sogro de Cristian Splinder, o verdadeiro sub-delegado de Sapiranga, inimigo ferrenho dos homens e mulheres do Ferrabraz. Os Mucker foram apontados como os causadores desse ato extremo, sob o argumento que lia a Bíblia e, influenciado pela interpretação da mesma, não quis viver mais.

Na picada Linha Nova, faleceu o velho Jorge Fuchs, aos 81 anos de idade. Era Mucker convicto e acreditava em tudo que estava nas escrituras sagradas. Jesus disse “deixe que os mortos enterrem seus mortos”. Como ele e alguns seguidores de Jacobina estavam rompidos com os pastores da Colônia, pediu em vida que quando morresse fosse sepultado fora dos cemitérios oficiais. Foi enterrado em sua rocinha de milho e foi oficiante o pastor sem Igreja Jorge Klein. Esse acontecimento correu de boca em boca em toda a Colônia.



## XV

### O PODER DE POLÍCIA

#### O PODER DE POLÍCIA NA COLÔNIA

A polícia da Colônia, responsável maior pela manutenção do bem estar dos colonos, foi omissa ou mesmo irresponsável, quando teve de agir para apaziguar as pequenas desavenças surgidas, naturais entre vizinhos. Consti-

tuída majoritariamente por descendentes dos próprios colonos, todos tinham elos de parentesco com os eventuais litigantes, o que comprometia sua isenção.

Os inspetores de quarterião, os subdelegados e delegados de polícia, além de serem prepotentes, mandões e intolerantes, atributos inerentes à cultura alemã, ficaram do lado dos contestadores dos Mucker desde o início dos atritos entre as partes, contribuindo assim para o seu agravamento, quando deveriam agir para acalmar os ânimos, tomando decisões isentas de partidatismo e, sobretudo, justas.

### OS INSPETORES DE QUARTEIRÃO

No Brasil-Império os inspetores de quarterião eram a primeira instância do policiamento fosse ele num vilarejo, numa vila ou numa cidade. Recebiam uma parcela considerável de poder para coibir a prática de atos delituosos, zelando pelas propriedades e pelo sossego de todos aqueles que moravam na área sob sua responsabilidade. Sendo considerados como “uma autoridade na porta de cada casa”, eles deveriam ser escolhidos entre os cidadãos maiores de 21 anos, que soubessem ler e escrever e que tivessem boa reputação em seus quarteriões. Infelizmente, na área em que se desenrolou o Episódio Mucker, eram temidos e odiados por todos. Isso fiquei sabendo através da tradição oral, muitos anos depois do episódio ter ocorrido, transmitida por parentes e conhecidos. Os inspetores Carlos Feltes e João Daniel Collin eram de má índole. O inspetor João Lehn, que era católico, era acusado de ser espião da polícia e dos padres, portanto não era bem visto pelos Mucker e demais protestantes.

Conta a lenda que o olhar de Carlos Feltes era capaz de matar as galinhas no pátio de alguém. Foi ele quem provocou a ira contra a polícia no violento Jorge Robinson, na localidade de Dois Irmãos, ao matar seu melhor cavalo com uma facada na virilha. Daí o ódio de Jorge Robinson contra a polícia e a qualquer tipo de autoridade, levando-o a se aproximar dos Mucker, para executar seus sentimentos de vingança. Foi ele, sem dúvida, isolado ou em grupo, o executor de mortes e incêndios atribuídos aos Mucker. Morreu lutando até o fim.

João Lehn, suspeito de molestar mulheres casadas foi alvejado por dois indivíduos, por molestar mulheres casadas e Collin acabou demitido por seus superiores.

### ARBITRARIEDADES

Em 23 de novembro de 1873, o inspetor de quartirão João Lehn, notório opositor dos colonos Mucker, foi baleado por dois homens. Esse atentado foi atribuído aos Mucker.

O delegado de Sapiranga, furioso com o acontecido, resolveu sair a campo para tentar prender os autores desse crime e começou por prender todos os colonos Mucker que estavam a seu alcance, o que resultou na prisão de 32 pacíficos colonos, que foram retirados de suas casas ou de suas roças e levados para a prisão de São Leopoldo.

Como não havia nenhuma prova que ligasse esses colonos com o atentado, acabaram sendo inocentados e soltos, em cumprimento a um alvará de soltura expedido pela justiça de Porto Alegre.

Soltos, os colonos, montados em mulas, seguiram em caravana com destino a Sapiranga. Ao passarem na frente da casa do sub delegado Cristiano Splinder, que efetuara a maioria das prisões, este, surpreso com a dimensão tomada pelo episódio e preocupado com a possibilidade de retaliação, decidiu renunciar ao cargo e mudou-se, com a família, para Santa Maria.

O delegado de polícia de São Leopoldo, Lúcio Schreiner, aumentou ainda mais sua má vontade contra os Mucker, quando três deles, arrogantemente, exigiram a entrega de 23 espingardas apreendidas na casa de João Jorge Maurer e simplesmente teve que entregá-las, em cumprimento a ordens superiores vindas de Porto Alegre.

A seguir, renunciou ao cargo de delegado de polícia. Tanto Spindler, quanto Schreiner, demonstraram, com seus gestos que, apesar de serem arbitrários, tinham brio e vergonha na cara.



## XVI

### INTELECTUAIS

#### O PROFESSOR JOÃO WEISS

O professor João Weiss era católico, escrevia em alemão e português, coisa rara na colônia. Sua pequena casa de madeira ficava no Ferrabraz, a alguns quilômetros da casa do casal Maurer. Quando luso-brasileiros vinham consultar o “Wunderdoctor” recorriam ao professor para servir de intérprete. Muitos colonos, Mucker e não Mucker, o procuravam para redigir documentos diversos. O documento mais problemático que redigiu foi o abaixo-assinado em que 47 colonos apresentavam às autoridades queixas

contra a nova seita. No auge dos acontecimentos que se desenrolaram no Ferrabraz, a casa do professor foi queimada, mas não se sabe porque nem por quem.

Após os trágicos acontecimentos de junho, julho e agosto de 1874, o professor Weiss participou da identificação de dois cadáveres encontrados no mato, não longe do Ferrabraz. Tratava-se de João Jorge Maurer e seu irmão Carlos, que haviam desaparecido antes do ataque das forças do coronel Genuíno.

O professor Weiss serviu a todos, governantes e governados, mas mesmo assim não teve melhor sorte. Vítima dos acontecimentos, morreu pobre e abandonado.

Seu infortúnio decorreu do fato de ter atuado como intérprete do “wunderdoktor”, que mesmo tendo servido na Guarda Nacional nunca quis aprender o português.

### JOÃO JORGE KLEIN

João Jorge Klein foi acusado, preso e condenado sob a acusação de ser mentor dos Mucker, fato que sempre negou. Junto com o professor Weiss, eram os únicos letrados de toda a Colônia. Redigiam cartas, petições, requerimentos e abaixo-assinados dos colonos Mucker e não Mucker.

Ambos eram pobres e nem o papel gasto em seus trabalhos, por vezes, lhes era pago. Para sobreviver, Klein aceitou, sucessivamente, o cargo de pastor das comunidades de Picada Quarenta e Oito e Sapiroanga.

Como era casado com a irmã mais velha de Jacobina, Catarina Mentz, provavelmente exerceu alguma influência sobre a cunhada, porém nunca participou das celebrações religiosas que ocorriam no Ferrabraz.

A pesar de ter prestado assinalados serviços aos colonos, faleceu pobre, em idade avançada, 91 anos, completamente esquecido. Foi uma das figuras mais contravertidas do episódio Mucker.



## XVII

# ARMAS E MUNIÇÕES

## AS CHAPAS DE FERRO



Carlos Einsfeld, morador em Portão, não perdia nenhuma reunião de domingo no Ferrabraz. Como bom ferreiro, também consertava espingardas e trabucos. Ficou conhecido e popular e muitos colonos, moradores das mais longínquas picadas, vinham procurá-lo ali no Ferrabraz. Com efeito, para ele, não havia arma de fogo, espingarda, pistola, revólver, com defeito, que não consertasse. Até sentia orgulho nesse mister, mais armeiro do que ferreiro.

Um domingo, apresentou uma novidade, uma chapa de ferro, parecida com as couraças e escudos da idade média. Andou de mão em mão e foi muito admirada pelos colonos. Elogiada? Não. Os colonos, pacíficos agricultores, não viram nenhuma utilidade prática nesse artefato. Se pudesse ser utilizado num arado, argumentavam, ainda vá lá, mas pendurar isso em alguém, era coisa sem nenhuma serventia. É uma prova de que aqueles colonos eram realmente pacíficos. Um escudo de ferro para se defender? Contra quem?

Essa não era a visão da imprensa local, sempre em busca de notícias sensacionalistas. Passaram a noticiar até o peso e as dimensões dessas chapas, que nunca existiram, salvo o primeiro protótipo. Porém os jornais publicavam a existência de milhares de chapas, fabricadas por Einsfeld.

### ARMAS E MUNIÇÕES

A maledicência, baseada em boatos e mentiras, encampada pela imprensa local e de Porto Alegre, espalhou aos quatro ventos que os Mucker estavam fortemente armados, inclusive que fabricavam armas e munições.

As célebres “espadas de São Pedro”, eram duas lâminas de serrote que o colono Cristiano Karst levou ao ferreiro Sibel para colocar cabos. Quanto ao chumbo, que era comprado e derretido em balins, destinava-se ao uso de suas armas de caça. A pólvora, comprada em Porto Alegre, destinava-se a alimentar os cartuchos de suas armas de caça e arrebentar pedras.

José de Sampaio, chefe de polícia da capital, enviado a São Leopoldo para verificar efetivamente o que ocorria, se havia armas e muita pólvora e chumbo conforme fora divulgado pela imprensa, ouviu os Mucker e se certificou que tudo era mentira e boatos. As armas eram espingardas de caça e velhos trabucos. A pólvora e o chumbo tinham aplicações práticas, sendo recarregar cartuchos de arma de caça uma delas. Tudo muito primitivo, pobre, como eram os colonos Mucker.

Além disso, a posse de armas de caça por parte dos colonos era permitida por lei do Império.



## XVIII

### UM PADRE E DOIS PASTORES

#### O PADRE MATHIAS MUNSCH

O padre Munsch preparou-se, na Europa, durante muitos anos, para ser um missionário completo, como o fora o padre Sepp. Teve o privilégio de manusear os mesmos livros do célebre missionário. Veio para o Brasil cheio de sonhos. Enganchado em cima de uma mula, dirigiu-se para a casa de Felipe Sehn, para rezar uma missa. Lá chegando, uma decepção. Por falta de fiéis, a missa fora cancelada.

No dia anterior estivera em Porto Alegre, para apresentar-se ao seu superior, o bispo Laranjeiras, que não deu muita importância aos seus ambiciosos planos. De charuto na boca o despachou, dizendo que conversariam no dia seguinte.

O padre Munsch ponderou que isso não seria possível, pois no dia seguinte iria rezar uma missa na Colônia, encomendada por Felipe Sehn. Retornando da missa na casa dos Sehn, mula com as rédeas soltas, notou que estava passando em frente à casa do Nadler, local onde os protestantes se reuniam para beber. Parou, apeou, entrou. “Oh padre! Muito prazer em vê-lo aqui. Sente-se e tome um gole de cerveja conosco”. Quem falou assim foi Daniel Colin, que já conhecia o padre. Na roda de conversa que se seguiu, comentou-se a ida de Jacobina a Porto Alegre e a prisão de João Jorge Maurer. A última novidade: a barca de Gaelzer fora emborcada! Afundou mesmo! Colin, esquecendo-se da presença do padre comentou: Isso é só o começo. Agora é que o caldeirão vai ferver.

O padre, que havia chegado desanimado, mais desanimado saiu. Montou na sua mula e se foi. Com os pensamentos no padre Sepp, nas Missões, onde houvera paz. Será que os índios são mais pacíficos que os brancos?

A tradição oral registra que o padre Munsch morreu no meio dos soldados pedindo, implorando, que o coronel Genuíno não consumasse o ataque ao casarão dos Maurer. Gente branca, de olhos azuis...

O padre Munsch era muito considerado por católicos e protestantes e foi um dos poucos que tentou evitar a tragédia que se anunciava. A história nunca lhe fez a necessária justiça.

## PADRE MATHIAS MUNSCH E PASTOR GOTTFRIED BOEBLE

O jesuíta Mathias Munsch não se cansava de procurar humildemente o seu colega pastor Boebler, na residência deste. “Precisamos fazer alguma coisa para salvar esses pobres colonos da destruição como se fossem vacas para o matadouro”. “Não conte comigo” respondeu o pastor luterano, um alemão cabeça dura. “A guerra está declarada e nada mais se pode fazer”.

O padre fez uma última tentativa de convencer seu colega, argumentando que tinham que lutar juntos. “Esqueça Klein, esqueça que você rasgou o livrinho de sonambulismo no púlpito, esqueça que você assinou um abaixo-assinado, esqueça... “Basta”, retrucou o pastor, possesso de raiva. “Estamos em trincheiras diferentes e nunca mais me procure”. A seguir, abriu a porta e pôs o jesuíta na rua, que chorava como uma criança.

Após esse incidente, o pastor foi cuidar da sua horta, atrás da sua casa pastoral. Não, pensava, não faria nada para salvar os Mucker, pois se saíssem vitoriosos, trariam o “falso” pastor João Jorge Klein nos ombros, para dentro de sua igreja, a principal de toda a Colônia, entronizando-o como pastor.

A vitória dos Mucker significava para ele o desemprego, a rua, a miséria e, talvez a fome. Sabia que nenhuma comunidade evangélica lhe abriria as portas, pois nenhum pastor o acolheria e a sua família.

Quando Boebler passou para o jardim, na frente da casa, sua mulher o encontrou banhado em suor, olhar fixo, arrancando as ervas daninhas e as flores também. Parecia que o orgulhoso pastor queria destruir algo.

O nome completo do intransigente pastor, ironicamente, era Gotfried (Paz de Deus) Furchtengoet (Temente de Deus) Boebler.

## BOEBLER E KLEIN

É de suma importância lembrar a personalidade desses dois alemães cultos, perdidos nos matos do sul do Brasil. Igualavam-se na cultura, pois ambos passaram por famosas faculdades de teologia da Alemanha, Klein, porém, não teve sorte, desde os bancos escolares e em toda sua carreira futura. Por algum motivo não lhe deram o título de Pastor, talvez por inveja, só o título de Professor.

Na Leonerhof (Fazenda Leão, atual município de Sapiranga), foi pastor durante quatro anos e em algumas das demais comunidades da Colônia, também o foi, sempre provisoriamente, Quando aparecia um pastor com diploma, tinha que ceder o lugar, o que lhe era doloroso. Foi bem assim que o pastor Boebler tirou seu púlpito em uma congregação.

Klein tinha porém uma vantagem, era casado com Catarina, a irmã mais velha de Jacobina Mentz. Isso deixava o outro temeroso. Vá que a colonada

fanática do Ferrabraz o destituísse, da noite para o dia? Boebler perdia o sono pensando nessa possibilidade. Por essa razão Boebler havia assinado o abaixo assinado, que reunira pouco mais de 40 assinaturas, pedindo às autoridades que proibissem as reuniões na casa dos Maurer.

Dois líderes cristãos que se odiavam. Boebler, intranquilo, na casa paroquial, com horta e jardim, prateleiras envidraçadas, cheias de livros. Klein, sem vocação para agricultor, carpinteiro ou outra atividade manual, escrevia artigos, bem redigidos, mas frequentemente recusados pela redação do jornal evangélico “Der Bote” (O Mensageiro).

Essa situação levou André Luppá a sentenciar: “Dois tatus macho na mesma toca”...

João George Klein foi preso, condenado e depois, absolvido. Faleceu aos 91 anos de idade, no município de Canoas, pobre e esquecido. Seu grande sonho de ser reconduzido ao cargo de pastor de Sapiranga, nunca se realizou. Também não se naturalizou brasileiro.

### PROVIDÊNCIAS TARDIAS

Antes de terem rompido relações, o pastor Boebler e o padre Matias Munsch, pressentindo a tragédia que se aproximava, apertaram as mãos, num raro momento de concórdia e combinaram em envidar todos os esforços para segurar os rebanhos de suas respectivas paróquias. O pastor, alemão durão, ameaçou no púlpito, represálias e punições aos seus paroquianos que se dirigissem ao Ferrabraz. O padre, mais brando, usou outro estratagemas: iria rezar missa, todos os domingos, na casa de Felipe Sehn. Divulgou a notícia e passou a esperar por um grande número de fiéis, pois sabia que os colonos se ressentiam de conforto espiritual. No próximo domingo, de manhã cedo, foram colocadas cadeiras no vasto salão da casa de Felipe Sehn. O padre Munsch chegou pontualmente às oito horas da manhã, hora prevista para a realização da missa e encontrou o salão vazio. Nenhum, da lista de fiéis que tinha em mãos, havia comparecido. Paciente, decidiu esperar. Lá pelas dez horas, convenceu-se que efetivamente não viriam, chamou o dono da casa e disse:

- Felipe, reúna toda sua família, inclusive o escravo negro, que vou rezar esta missa.

Havia percebido, que nesta altura dos acontecimentos, católicos e protestantes das imediações do Ferrabraz, movidos principalmente pela curiosidade, afluíam em grande número, à casa dos Maurer. O movimento de curiosos era grande. Todos queriam ver a ampliação da casa que, segundo notícias dos jornais e boatos que circulavam pelas picadas, seria uma fortíssima.

leza, com seteiras e casamatas...Os aliados ocasionais, Boebler e Munsch, convenceram-se que já era tarde demais para uma ação conjunta.

A curiosidade daqueles homens e mulheres das picadas, havia suplantado a fé.



## XIX

### ASSASSINOS E INCENDIÁRIOS

#### ASSASSINOS E INCENDIÁRIOS

O inverno de 1874, “brabo” como que, soltou as “bruxas” que há muito tempo rondavam o Ferrabraz. Mucker e não Mucker, cegos pelo ódio mútuo, começaram a praticar atos de violência que terminaram em incêndios e mortes. Jorge Robinson e Rodolfo Sehn foram acusados de atirar no inspetor de polícia Lehn. Martinho Kassel incendiou a casa de seu primo Cristiano Kassel, em Lomba Grande. A casa de Adam Hofstatter foi incendiada só porque sua filha Ana Maria era empregada de Jacobina. Os incendiários desse episódio, poderiam ser os mesmos que mataram quatro cavalos de Rodolfo Sehn. Jorge Robinson e Carlos Einsfeld foram acusados de assassinar o jovem Jorge Haubert, afilhado de Robinson.

Na casa dos Maurer nascia Leidard (Filha da Fé), a terceira filha de Jacobina. Jacobina teve seis filhos em oito anos de casamento: Jacob, Henrique, Francisco Carlos, Matilde, Aurélia e Leidard. Na mesma casa, nasceu o filho de Maria Sehn, enquanto o pai, Guilherme Gaelzer Filho, estava preso. Tudo em polvorosa, os Mucker dispostos a resistir e a fazer justiça pelas próprias mãos. Olho por olho, dente por dente. As espingardas que haviam sido escondidas no pátio da casa foram desenterradas, contra a vontade de Tio Fuchs.

De trem, chegou a São Leopoldo o novo chefe de polícia, Abílio Álvaro Martim e Castro, com escolta policial, disposto a restabelecer a ordem. Pouco ou nada conseguiu. Precisava vir ordem de prisão de Porto Alegre, da Justiça Criminal. Os Mucker pediram a ele uma resposta da petição entregue a D. Pedro II. Pedro Serrano apresentou-se como capitão da Guarda Nacional e propôs dar um susto nos Mucker, acrescentando que eles tinham muitas armas, inclusive um canhão! Abílio ficou assustado e telegrafou ao Presidente da Província, para que mandasse tropa federal. Era o sinal para a intervenção do Exército e das milícias de apoio.

Carlos Einsfeld finalmente foi preso. Jorge Robinson e Rodolfo Sehn, perseguidos pela polícia, enlouquecidos, passaram por Campo Bom e Sapiranga, incendiando casas de desafetos.

Na noite de 25 de junho, a noite de fogo, 4 casas de colonos adversários dos Mucker foram incendiadas em Sapiranga e Campo Bom. Dez pessoas morreram nos incêndios, inclusive mulheres e crianças. Esses crimes foram atribuídos aos Mucker.

Em 26 de junho duas casas de adversários dos Mucker são incendiadas em São José do Hortêncio e na noite seguinte cinco casas de colonos Mucker são incendiadas nessa localidade e em Linha Nova.

Em Porto Alegre, o coronel Genuíno Sampaio, designado pelo Presidente da Província para restabelecer a ordem na Colônia, começou a mobilizar sua tropa.

### FIDELIDADE CANINA

Quando no vilarejo de Lomba Grande a casa de Martinho Cassel, um ex-Mucker foi incendiada pelos Mucker, o dono da casa estava ausente e sua mulher e quatro filhos morreram queimados, salvando-se apenas seu enteado, o jovem Nicolau Liede, com apenas 16 anos, que pulou uma janela dos fundos da casa. Ferido por um tiro no abdômen, conseguiu se esconder numa plantação vizinha. Na manhã do dia seguinte, foi encontrado com vida, junto a seu cachorro, vira-lata, que deitou a seu lado e o aqueceu com seu corpo. Foi na noite de 14 de junho de 1874, portanto em pleno inverno gaúcho.



## XX

## TENTATIVAS DE APAZIGUAMENTO

### TENTATIVAS DE PAZ

No episódio Ferrabraz havia, no mínimo, meia dúzia de homens que tentaram, por todos os meios ao seu alcance, evitar o derramamento de sangue.

O Dr Abílio, novo chefe de polícia de São Leopoldo, tão logo assumiu, foi procurado por um grupo de Mucker pacifistas. Liderados pelo velho Tio Fuchs, estavam Jacó Maurer, o mutilado e Carlos Maurer, irmãos de João Jorge, portanto cunhados de Jacobina. O pastor Klein, cunhado de Jacobina, que na qualidade de religioso jamais concordaria com qualquer violência, também fazia parte do grupo. A ideia do grupo era tentar uma pacifica-



ção. Que os comprovadamente culpados pelos crimes cometidos fossem punidos na forma da lei, a bem da justiça e da paz.

A igreja evangélica dividiu-se logo que surgiu a “Questão Mucker”. Muitos chefes de família, homens sensatos que prezavam a harmonia e a paz, se posicionaram contra as pregações do pastor Boebler, contrárias à “nova seita” que surgia, por considerá-las pouco cristãs. Eram amigos antigos do pastor Klein, um pacifista reconhecido.

Porém, o campeão da paz na Colônia, desde sua chegada, foi sem dúvida o jesuíta alemão Mathias Munsch. Por anos e anos preparou-se na Alemanha, estudando nos mesmos livros que formaram o espírito do famoso padre Sepp, das missões jesuítas da margem esquerda do rio Uruguai. Queria ser, neste mesmo Continente de São Pedro do Rio Grande do Sul, o que foi o padre Sepp entre os índios guaranis. Um pacificador, um conquistador de almas.

Infelizmente não teve o necessário apoio de seus superiores imediatos. Enganchado no lombo de uma mula, percorreu, dia e noite, o interior da Colônia, visitando a todos que estavam dispostos a recebê-lo, católicos e protestantes. Seus “índios”, dizia, tinham olhos azuis e falavam um dialeto alemão.

Tentou falar com delegados e sub-delegados. Não o receberam. Tentou apresentar um projeto de paz ao coronel Genuíno, que chefiaria a repressão, mas era tarde demais. Humilhou-se estendendo a mão ao pastor Boebler, sem conseguir apoio para a almejada paz.

Quando os Mucker foram cercados pelas forças do Exército, apoiadas por milícias civis, o padre Munsch ainda tentou evitar a consumação da tragédia, indo falar com Robinson, implorando a paz. “Não mesmo, vamos ver quem é o mais forte”, foi a resposta, A pomba da paz do padre Munsch não encontrou nenhum lugar onde pousar. A Igreja Católica da Colônia não moveu uma palha sequer, para evitar o crescimento do movimento Mucker e todos os acontecimentos decorrentes no Ferrabraz.

### FERRABRAZ, PALAVRA MÁGICA

Houve três fases distintas no desenrolar do episódio Mucker. Na primeira, bem no começo, tudo ia bem, havia harmonia e entendimento entre famílias aparentadas, que residiam ao redor do Ferrabraz.

Veio a segunda fase, movimentada, com o surgimento do “wunderdoktor”, as denúncias constantes de um abaixo assinado endereçado ao chefe de polícia de São Leopoldo, que o remeteu à capital da Província, a sindicância do Dr Sampaio e o recolhimento de Jacobina à Santa Casa de Porto Alegre. Até aí era possível evitar o que aconteceu.

O governo da Província podia ter evitado a tragédia se não tivesse se omitido. Poderia ter tomado algumas medidas simples, como segurar Jacobina por mais tempo na capital ou coibir a prática ilegal da medicina por parte de João Jorge. A substituição das três autoridades policiais envolvidas em denúncia por abuso de autoridade entregue pelos Mucker ao Imperador D. Pedro, por policiais luso-brasileiros, provavelmente também teria contribuído para acalmar os mais exaltados.

Os imigrantes alemães eram, reconhecidamente, respeitadores das leis brasileiras e, em pouco tempo, se acomodariam, esquecendo o fanatismo que surgia em torno do casal Maurer.

Após 45 dias de hesitações e omissão, as autoridades da capital, liberaram o casal para voltar para casa, após considerá-lo inocente dos crimes que lhes eram imputados e arquivaram a sindicância do Dr. Sampaio.

Estavam dadas as condições para a retomada das animosidades, iniciando-se assim a terceira e violenta fase, que levaria o episódio para o sangrento fim que teve.



## XXI

### O TRÁGICO ANO DE 1874

#### NO RUMO DA TRAGÉDIA ANUNCIADA

No ano de 1874 os acontecimentos sucederam-se vertiginosamente:

- Em 30 de abril ocorre o assassinato do jovem Jorge Haubert, ex-Mucker. Os Mucker são responsabilizados e alguns presos.

- Em seguida ocorre o enforcamento do “velho” Hirtz, que mais tarde foi caracterizado como suicídio;

- Em 20 de maio Jacobina escreve uma carta para seu primo Mathias Schroder. Em tom agressivo, critica seus “inimigos” e chama Lúcio Schreiner como o “anti-Cristo”, que obviamente deveria ser combatido até as últimas consequências.

- Em 24 de maio ocorre um grande culto no Ferrabraz, onde Jacobina teria anunciado que o fim do mundo estava próximo e determinado o extermínio de 16 famílias de colonos inimigos dos Mucker;

- Ainda nesse mês de maio, nascia Leidard, sexta e última criança de Jacobina. Foi celebrada uma festa religiosa, verdadeiro “kerb”, também comemorando a ampliação da casa dos Maurer. A construção recebe distintas

descrições: um anexo para a realização das celebrações religiosas, um espaço maior para abrigar os enfermos, um templo para uma nova seita e mesmo, um forte militar. As autoridades policiais locais perderam o controle da situação, e a aparente rusga entre colonos subiu de patamar. A imprensa de Porto Alegre, particularmente o *Deutsche Zeitung* de Karl von Koseritz, passou a exigir providências drásticas contra os “Mucker”, com a intervenção de tropas do Exército, se necessário.

Entre os civis, cresceu a ideia de se organizar uma “expedição punitiva”, para acabar, de vez, com os colonos rebeldes do Ferrabraz.

- Ameaçados, entre maio e junho, vários colonos Mucker buscam abrigo na propriedade dos Maurer. Os Mucker se armam e dois são presos trazendo armas de Porto Alegre.

Enquanto os preparativos para a “guerra” que se avizinhava progrediam entre as autoridades legalmente constituídas e lideranças civis, do outro lado, os colonos apelidados de serem Mucker, também se precavam.

Rezavam e cantavam louvando a Deus, na firme esperança de que Ele não os abandonaria. A fé de muitos e os interesses pessoais de alguns, os mantiveram firmes, na esperança de uma paz, que a cada dia se mostrava mais impossível.

Os mais sensatos, dos dois lados, ainda esperavam que os verdadeiramente culpados, apenas cinco ou seis, conhecidos por todos, fossem presos e levados para julgamento, na capital da Província, a não mais do que trinta quilômetros de distância. Ainda era possível evitar o banho de sangue que se anunciava, o episódio que passou à história como a Guerra dos Mucker.

Se houvessem mais cabeças pensantes em Porto Alegre, o episódio podia ter tomado outros rumos, mas parece que os mais extremados sentimentos humanos acabaram por prevalecer.

Depois da Guerra dos Farrapos e da Guerra do Paraguai, surgiu no horizonte uma nova guerra, contra os seguidores do casal João Jorge Maurer e Jacobina Mentz.

- Como as provocações e os deboches anti Mucker prosseguiram, em represália, na noite de 15 de junho a família Kassel, ex-Mucker, é chacinada em sua casa. Morrem a mãe e quatro filhos. Crime hediondo atribuído aos Mucker.

- Em 23 de junho é expedido um Mandato de Prisão contra João Jorge e Jacobina, bem como outros Mucker.

- Em 24 de junho, João Klein, presumido mentor intelectual dos Mucker é preso.

- Em 25 de junho, data em que se comemorou o Cinquentenário da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul, eclode a “noite de fogo”, em que 14

casas de colonos adversários dos Mucker são incendiadas em Sapiranga e Campo Bom. Morrem 10 pessoas, inclusive crianças.

- Em 26 de junho, o comerciante Daniel Colin, chefiando uma milícia composta por 80 colonos, partiu para o ataque aos Mucker, incendiando seis casas e plantações abandonadas. Face ao acontecido na “noite de fogo”, a população amedrontada passa a exigir enérgicas providências das autoridades para conter os Mucker.

- No dia 27 de junho, começam a chegar armas, munições e soldados a São Leopoldo. O Governador da Província designa o coronel do exército Genuíno Sampaio para a chefia das tropas que vão combater os Mucker. Sem perda de tempo, o coronel Genuíno se desloca para a Colônia e reúne o efetivo disponível, cerca de 190 homens, num acampamento montado em Campo Bom,

- No dia 28 de junho, sem planejamento detalhado e sem reconhecer o terreno, o coronel Genuíno parte para atacar a casa dos Maurer, mas encontra forte resistência e manda tocar retirada.

- a partir de 30 de junho, chegam mais tropas e armamentos para reforçar a força do coronel Genuíno, que manda reconhecer o terreno onde se desenvolveria o provável combate e refina seu planejamento.

- No dia 19 de julho, o coronel Genuíno, à frente de cerca de 500 combatentes. Marcha para o Ferrabraz, tendo os flancos protegidos pela Guarda Nacional e uma milícia civil. A casa dos Maurer é cercada e um ultimato é feito, para que os Mucker se rendessem. Os Mucker respondem com grossa fuzilaria. Ordenado o ataque, com a continuação da fuzilaria oriunda das portas e janelas da casa, o coronel Genuíno dá ordem para que fosse incendiada. Cerca de 30 colonos são mortos, entre eles Jorge Robinson e Henrique Mentz, irmão de Jacobina. 52 pessoas foram presas, entre elas cinco filhos da Jacobina, posteriormente entregues para adoção. Jacobina, João Jorge e seus principais colaboradores não são encontrados entre os mortos e presos

- Terminado o combate, o coronel Genuíno manda estafetas para São Leopoldo anunciando a derrota dos Mucker e acampa no local do combate. Na madrugada do dia seguinte, 20 de julho, o acampamento das forças legais é atacado por combatentes Mucker que haviam escapado ao cerco e o coronel Genuíno é ferido em uma perna, vindo a falecer logo a seguir.

Com a morte do coronel Genuíno assumiu o comando o tenente-coronel Augusto César da Silva, que retraiu a tropa para Campo Bom.

- Em 21 de julho são coletadas informações que indicam a existência de um “arraial” na floresta próxima à casa dos Maurer, onde os Mucker que escaparam do combate do dia 19 estariam refugiados.

- Em 25 de julho e nos dias seguintes, ocorrem escaramuças opondo as forças legais apoiadas pelas milícias e remanescentes dos Mucker homiziados na floresta, sem resultados decisivos.

-Em 2 de agosto, as forças legais, comandadas pelo capitão Dantas, que havia sido lugar-tenente do coronel Genuíno nos combates de junho e julho, guiadas pelo ex-Mucker Carlos Luppa, atacam as duas cabanas existentes na mata onde se encontravam Jacobina e 16 fiéis seguidores. Em rápido combate, os Mucker, homens e mulheres, são mortos, Além de Jacobina, foram mortos Ana Hofstater, Cristiano Karst, João Sehn, seus filhos Rodolfo, Martinho, Jacó, e Carlos Sehn. Foram mortas duas moças filhas da viúva Arend, vestidas com roupas masculinas. João Jorge não foi encontrado.

Os corpos de João Jorge Maurer e de seu irmão Carlos, em avançado estado de decomposição, foram encontrados nos matos do Ferrabraz, cerca de três meses depois, Nunca se soube o que aconteceu com eles. Suicídio? Pouco provável. Vítimas de genocídio? Parece ser o mais lógico. Estava encerrado, definitivamente, o episódio Mucker.



## XXII

### **O COMBATE DE 28 DE JUNHO SEGUNDO A TRADIÇÃO ORAL**

#### CAUSO HISTÓRICO

O coronel Genuíno Sampaio, veterano da Guerra do Paraguai, à testa de seu pequeno “exército”, infantaria, cavalaria e artilharia, chegou na casa de Pedro Serrano, em Campo Bom e logo perguntou: Como é? Vamos atacar os sectarianos hoje mesmo?

Claro que sim, respondeu o “capitão” Pedro Serrano. Vou com o senhor mostrar onde fica a casa dos Maurer. E lá se foram, rumo ao Ferrabraz. Ora, os “criminosos sectarianos” estavam vigilantes, monitorando o movimento das tropas. Encarapitados nas árvores da estreita picada que levava à casa dos Maurer, esperavam o “inimigo”.

A coluna progredia com dificuldade, à noite e em terreno desconhecido, até que Pedro Serrano advertiu seu comandante: Está vendo aquela luz? Pois é a casa dos Maurer. Os Mucker, caçadores de inhambus e jacutingas

esperaram a tropa chegar mais perto e, usando seus apitos utilizados para caçar, sinalizaram que era hora de abrir fogo.

No cerrado tiroteio que se seguiu, a vantagem foi toda dos defensores, que estavam dispersos e ocupando posições elevadas. “Caímos numa emboscada, bradou um capitão da Guarda Nacional”. “Considere-se preso” foi a resposta do coronel, enquanto ordenava a retirada.

Às dez da noite a coluna atacante havia voltado para a região onde estava a casa de Pedro Serrano. Havia muitos feridos, com chumbo grosso, que os próprios Mucker fabricavam.

Este caso, o fracasso do pequeno exército atacante, foi contado muitas vezes, por parentes dos Mucker e descendentes de não Mucker, muitos anos depois.

Em resumo, Pedro Serrano levou a tropa do coronel Genuíno, de noite, à “cidadela” do casal Maurer, onde levaram chumbo no lombo e tiveram que bater em retirada.

Pela tradição oral, Pedro Serrano gostava mesmo era da região serrana do Rio Grande do Sul. Após esse episódio, mudou-se para lá e nunca mais foi visto na colônia de São Leopoldo. Comprou ou arrendou uma fazenda em São Francisco de Paula ou em Vacaria e mudou-se para lá.

O famoso capitão da Guarda Nacional, Pedro Schmitt, apelidado de Pedro Serrano, desapareceu por completo das colônias alemãs.



## XXIII

### ESTUPIDEZ

*Duas coisas são infinitas: o universo e a estupidez humana. Mas, em relação ao universo, ainda não tenho certeza absoluta.*

Albert Einstein

#### A BATALHA DE CURUPAITI

Em 1864 o ditador do Paraguai, Francisco Solano Lopes, após montar um poderoso exército, decidiu ter maior protagonismo num conflito que ocorria no Uruguai, que envolvera tropas brasileiras, dando início à Guerra do Paraguai, que foi travada entre esse país e a Tríplice Aliança integrada por Brasil, Argentina e Uruguai.



O conflito iniciou-se em 11 de novembro de 1864, quando do aprisionamento do navio brasileiro Marquês de Olinda, que tinha por destino Cuiabá, acima do porto de Assunção. Em dezembro, o exército paraguaio invadiu pelo sul a província de Mato Grosso e, em junho de 1865, forças paraguaias ocuparam as cidades de São Borja e Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, após atravessar a província argentina de Corrientes.

Face a essas agressões paraguaias, Brasil, Argentina e Uruguai se uniram para derrotar o invasor, formando um acordo militar chamado de Tríplice Aliança.

Em setembro de 1865 o exército brasileiro, após cercar as tropas paraguaias, recuperou Uruguaiana e São Borja.

Formando uma poderosa força militar, a Tríplice Aliança decidiu levar a guerra para o território paraguaio, visando tirar Solano Lopes do poder. Uma série de vitórias se sucederam, Itapiru, Passo da Pátria, Tuiuti, mas o acesso a Assunção continuava sendo barrado pelas fortalezas paraguaias instaladas na margem esquerda do Rio Paraguai: Curuzú, Curupaiti e Humaitá.

Em 3 de setembro de 1866 a fortaleza de Curuzu foi ocupada, mas em 22 de setembro, uma força aliada composta por 20.000 soldados foi repelida em Curupaiti, após sofrer pesadas baixas. Essa derrota aliada fez com que a guerra, que se esperava ser de curta duração, acabaria por estender-se por mais quatro e sofridos anos. Jacob Maurer, irmão de João Jorge, perdeu um braço nessa batalha, onde também foi ferido o coronel Genuíno Sampaio. O Mucker Jacob Maurer, o mutilado e o coronel Genuíno, comandante das tropas legais, combateram entre si no Ferrabraz em 28 de junho e 19 e 20 de julho de 1874. O coronel morreria em 20 de julho e o Mucker em 2 de agosto, quando ocorreu a batalha final.



## XXIV

# EGOÍSTAS, TRAIADORES E INJUSTIÇADOS

## EGOÍSTAS

Claro que os havia, pois os colonos, Mucker e não Mucker, eram seres humanos, com todas as virtudes e todos os defeitos que caracterizam a humanidade. Egoísta-mor, sem dúvida, foi o moleiro Felipe Sehn, que quis

dar um boi para seu irmão Johan, também rico e católico como ele, para que não se passasse para o lado dos Mucker, que eram, em sua maioria, protestantes. Felipe achava que todos os colonos deviam moer seus cereais colhidos no seu moinho. De queixo empinado, charuto na boca, “serrava de cima”, no dizer dos colonos. Vocês tem que me pagar 500 réis por um saco de milho moído, se quiserem levar o farelo que sobra e 600 réis por um saco de trigo ou centeio. Cevada eu não aceito!

Em cima de seu cavalo, ricamente encilhado, se assemelhava aos senhores feudais da Alemanha, que ele odiava.

O próprio João Jorge era egoísta. Seu parente, Lúcio Schreiner, foi procurá-lo, para pedir “uma mãozinha” nas eleições. Não ajudou. Foi arrogante e egoísta com o Jacó Mula e com sua cunhada Elizabeth, tratada por ele como escrava.

O juiz de órfãos ordenou que o jovem Jorge Haubert fosse mandado a São Leopoldo para aprender o ofício de alfaiate, na casa do alfaiate Clos. Robinson, padrinho de Jorge, ficou furioso e, egoisticamente, matou o rapaz, à noite, com um tiro de garrucha. Não ficou provado esse assassinato e Robinson continuou solto.

## TRAIADORES

A lista dos “traidores” é insignificante. Para uns, eram traidores, para outros, vítimas ou mesmo heróis. O considerado um verdadeiro “judas”, o colono Carlos Einsfeld não traiu ninguém, apenas gostava de dinheiro. O velho Johan Sehn, rico, se passou com toda a família para o outro lado. Seria um “traidor”? Claro que não, ele tinha razões de sobra para agir assim.

O colono Hans, que colocava o pastor Boebler a par de tudo o que se passava na casa dos Maurer seria um traidor? Os Luppa, pai e filhos, de fato, no fim do episódio, indicaram o local onde os sobreviventes do incêndio do casarão do Ferrabraz haviam se refugiado, propiciando às forças atacantes se vingarem das baixas sofridas durante a campanha. Mas, na realidade, eles não eram Mucker convictos.

Não se conhece os pormenores da participação do “pastor” João Jorge Klein em todo o episódio Mucker. Casado com Catarina, irmã de Jacobina, não mantinha boas relações com João Jorge Maurer. Como co-pastor e dotado de sólida cultura religiosa, a princípio combateu as confusas “leituras” da Bíblia que eram feitas por Jacobina. Entretanto, em 1873, ao constatar o aumento do número dos frequentadores do casarão dos Maurer, aproximou-se do Ferrabraz, talvez na vaga esperança de ser convidado para dirigir a nova seita que se formava.

A nova seita não vingou, Klein foi preso e condenado como Mucker, sem sê-lo. Klein não traiu ninguém. Ajudou os Mucker e foi preso e condenado por isso. O seu grande erro foi não ter se naturalizado brasileiro.

### SCHREINER E KLEIN, OS INJUSTIÇADOS

Esses dois protagonizaram todo o episódio Mucker, desde seu começo até o trágico final. Ambos foram acusados de apoiarem os Mucker porque tinham parentes entre eles. Lúcio Schreiner, o policial, era primo das irmãs Jacobina e Carolina, que o acusavam de perseguição. Veja-se a carta que esta última que lhe mandou. De outra parte, era acusado de passar a mão por cima da imprensa oposicionista e do Partido Liberal.

Johan Georg Klein era casado com Catarina, a irmã mais velha das meninas Mentz, portanto era uma espécie de conselheiro da família. Foi pastor titular em Sapiranga durante quatro anos e na Picada das 48 Colônias durante 2 anos. Conhecedor da Bíblia e dos colonos, não concordava com as leituras e interpretações das escrituras sagradas feitas por Jacobina. No correr dos anos foi preso por ser Mucker e solto por não ser.

Em certa ocasião, Lúcio Schreiner prendeu 33 Mucker e os recolheu à cadeia de São Leopoldo. A polícia de Porto Alegre mandou soltá-los. Desgostoso, pediu demissão do cargo. Morreu pobre, desprezado e esquecido.

Schreiner e Klein: dois homens com quem a vida não foi generosa. Ambos terminaram pobres e esquecidos.



## XXV

### CORRUPTOS E CORRUPTORES

A partir de 1870, o que acontecia no Ferrabraz já deixara de ser um acontecimento restrito à Colônia, aguçando a curiosidade das populações de outras regiões, principalmente em Porto Alegre, Pelotas e Rio Pardo. Sabe-se que Movimentos Religiosos costumam gerar muito dinheiro e poder. Muita gente queria saber o que se passava por lá e, inevitavelmente, os boatos a respeito aumentaram de tal modo que incendiaram a imaginação de parte da população gaúcha.

Dizia-se que a região do Ferrabraz estava se transformando numa espécie de feira, onde o dinheiro corria solto, podendo comprar-se de tudo, princi-

palmente lotes de terra, bois, cavalos, artesanatos e produtos coloniais a bom preço.

De fato, corria dinheiro. Vinha de toda a parte, das picadas e até mesmo de Porto Alegre, porque era destinado à construção de uma sede social para o movimento Mucker.

João Jorge, ambicioso, recebia as doações e comprava material de construção, madeira, pregos, tintas etc. Sobrou dinheiro e não faltaram intermediários, nem sempre honestos.

Também surgiram os que vendiam certidões de casamento aos católicos excomungados pelos padres e também o direito de serem enterrados em cemitérios cristãos. Não se pode esquecer que a religião católica era oficial e uma pessoa excomungada não era mais ninguém.

Quando os jornais da Colônia passaram a divulgar que os Mucker estavam se desfazendo de seus bens, supostos compradores, vindos de diferentes lugares, chegaram, na esperança de fazer bons negócios. Contrabando de armas? A tradição oral confirma que sim.

Enfim, chegou o fatídico ano de 1874 e com ele uma série de frustrações, enriquecimentos de origem duvidosa e negociatas de todo o tipo, que não foram denunciadas pelos jornais. Foi o fim dos sonhos.

Os nomes dos corruptos e dos corruptores permaneceram ocultos, porque eram muito espertos para assinar qualquer papel.



## XXVI

### UM BOMBEIRO E UM INCENDIÁRIO

#### UM CHEFE DE POLÍCIA ISENTO

Após receber reiterados pedidos de envio de tropas feitos pelo delegado de São Leopoldo Lúcio Schreiner, o Dr. José Luiz de Sampaio, Chefe de Polícia da capital da Província, a mando do Governador, foi a São Leopoldo fazer uma sindicância sobre as denúncias surgidas contra os Mucker. Foi correto, ouviu os Mucker e os não Mucker. Se houvessem mais pessoas do quilate do Dr. Sampaio, o caldeirão em que o Ferrabraz ameaçava se tornar não teria acontecido e muitas mortes teriam sido evitadas.

Instalado na Intendência Municipal de São Leopoldo, expediu ordens para que comparecessem à sua presença todos os que tivessem algo a dizer

sobre as denúncias apresentadas pelo delegado Schreiner. Foi ouvido o comerciante Pedro Jung, que teria vendido uma ou duas barras de chumbo ao ferreiro Einsfeld, que também foi ouvido. João Jorge Maurer e Jacobina foram chamados e prestaram depoimento, bem como os Mucker Robinson, Wilborn e Jacó Mentz. Cerca de 30 pessoas da comunidade religiosa que se formava no Ferrabraz foram ouvidas.

Entre os denunciantes foram ouvidos os jornalistas José Manuel Pereira da Silva, Félix Fernandes Fontoura de Azambuja, José Carlos Moher, Felipe Leopoldo Matte e Epifaneo Orlando de Paula Fogaça, este último autor de uma reportagem cujo conteúdo revelava a existência de um exército Mucker de cerca de 500 homens armados, sob o comando do “general” Maurer.

Após as inquirições, o Dr. Sampaio logo verificou que tudo se resumia a “ouvir dizer” e que o efetivo de 500 combatentes incluiria velhos, mulheres e crianças, ou seja, tudo não passava de boatos surgidos entre colonos.

Resumindo, o delegado foi correto e imparcial. Ouviu os Mucker e os não Mucker. Voltando a Porto Alegre, apresentou seu relatório ao Presidente da Província, concluindo que as denúncias não passavam de intrigas entre colonos e deviam ser tratadas como tal. No máximo um caso de polícia.

#### EPIFANEO ORLANDO DE PAULA FOGAÇA

Morador de São Leopoldo, membro ativo do Partido Liberal, de oposição ao Presidente da Província, era correspondente de jornais de Porto Alegre, entre eles “A Reforma”, de oposição ao governo da Província. Foi o autor da matéria publicada por esse jornal, relatando a existência de um “exército” “Mucker de cerca de 500 homens.

Alarmado, o Presidente da Província enviou imediatamente a São Leopoldo uma pessoa de sua inteira confiança, o seu Chefe de Polícia e ex-juiz Dr. José de Sampaio, para saber o que se passava na Colônia alemã, particularmente a denúncia do jornalista sobre a existência de um verdadeiro exército.

Quando o jornalista Fogaça foi chamado a depor, o Dr. Sampaio perguntou se foi ele quem mandara a notícia para os jornais de Porto Alegre e se confirmava a existência de 500 homens armados.

O jornalista enrolou, tentou evadir-se de dar uma resposta direta, mas, sem saída disse que estivera na casa de um colono e ouviu alguém falar que no Ferrabraz se reuniam cerca de 500 pessoas, homens, mulheres e crianças.

Depois do desfecho sangrento, Fogaça continuou a mandar matérias, sem o necessário cuidado, para os jornais de Porto Alegre. Eis algumas:

“Os irmãos Maurer, após vagarem alguns meses pelos matos, entregaram-se às autoridades”.

“Maurer, Jacó Mula, Cristiano Karst e mais quatro Mucker, seguiram para Nova Petrópolis, em direção aos campos de cima da Serra”.

“Supõe-se que os irmãos Maurer, montados em pelo, em cavalos gordos, bem armados, teriam dito que iriam para Vacaria e depois Lages”.



## XXVII

### CONSIDERAÇÕES FILOSÓFICAS

#### IRONIA

Se João Jorge Maurer tivesse casado com outra jovem colona, que não Jacobina, e se esta tivesse casado com qualquer outro rapaz de Hamburgerberg, por certo não teria acontecido o episódio do Ferrabraz. Também se a velha viúva Mentz e sua filha Carolina fossem menos briguintas e mais tolerantes com o jovem casal, a história teria tomado outros rumos. Num ambiente mais civilizado, João Jorge teria progredido em seu ofício de carpinteiro e Jacobina seria uma espécie de cartomante, lendo as cartas e fazendo profecias, que era sua vocação.

O casal não tinha a mínima vontade de ganhar a vida com a enxada. Foram para a roça contra a vontade. Jogados no meio do mato, perto do morro Ferrabraz, onde os bugios roncavam dia e noite, tiveram vida dura nos dois primeiros anos. Era comum, quando João Jorge voltava da roça, encontrar Jacobina desmaiada. As ervas que o marido trazia, para fazer os chás que curavam, eram inúteis para Jacobina, pois sua doença não era do corpo, mas do espírito.

Uma lenda conta que João Jorge teria recebido uma mensagem do além, aconselhando-o a largar tudo e somente se dedicar a minorar o sofrimento dos doentes que o procuravam, através da cura pelas plantas medicinais que conhecia.

O Padre Schupp, em seu livro, insinua que foi o Pastor João Jorge Klein o autor real da mensagem misteriosa.

A verdade é que João Jorge era competente no que fazia. Não era um simples charlatão ludibriando os desavisados. A inveja de sua popularidade e a perseguição que lhe fizeram seus adversários e mesmo as autoridades



constituídas na colônia, atingiram-lhe em cheio. Foi morto e teve seus pertences saqueados em fins de 1874.

Não era de briga e nunca pegou em armas. Quando a situação indicava que o fim estava próximo, com a aproximação das forças militares e paramilitares na direção de sua casa, montou a cavalo e retirou-se, acompanhado por seu irmão Carlos. Foram perseguidos e mortos a bala. Houve uma simulação de que teriam se enforcado com cipós, uma falsidade, pois não teriam nenhuma dificuldade em encontrar cordas,

Quem os atacou e saqueou seus pertences?

### O DESFECHO SANGRENTO PODERIA TER SIDO EVITADO?

Quando o major Antônio Schaefer andou pelos estados alemães recrutando soldados para D. Pedro I e agricultores para D. Leopoldina, sendo conhecedor de que no novo país, o Brasil, o povo, as leis, os costumes, a cultura, o próprio Estado eram diretamente ligados à Igreja Católica, não havia lugar para outros credos religiosos e que Martinho Lutero revolucionou os estados alemães, propiciando o surgimento dos “protestantes”, acostumados a protestar sempre, contra tudo e contra todos, seria temerário arremeter alemães não católicos.

Trazer gente de cabeça dura, obstinada, protestante, para o Brasil católico, era certeza de que alguma coisa não daria certo, como de fato não deu na Colônia de São Leopoldo.

Nessa época a Alemanha estava dividida entre os católicos e suas belas catedrais e os intransigentes luteranos. O major Schaefer poderia prever as dificuldades que surgiriam no futuro ao recrutar imigrantes cabeças duras, opiniáticos. Bastava fazer uma seleção mais cuidadosa, já que não faltavam agricultores católicos dispostos a imigrar.

A nova leva de imigrantes trazida em 1826, que abrangia católicos e protestantes, como a Colônia de São Leopoldo estava ficando saturada, foi dirigida para o litoral norte do Rio Grande do Sul e houve o cuidado de separá-los geograficamente, ficando os protestantes na região de Maquiné e os católicos em Torres. Deu certo.

SE...

“SE é santo que não faz milagre” (Sabedoria popular)

O episódio Mucker pode ser caracterizado como uma “tragédia anunciada” e que poderia ter sido evitada se, no seu começo, alguns protagonistas tivessem adotado posturas guiadas pelo bom senso, como:

Se os pastores e padres envolvidos não tivessem sido intransigentes na ânsia de manterem seus rebanhos, se opondo tenazmente à leitura da Bíblia

em família, uma prática que poderia ter sido tolerada e inclusive, incentivada com suas presenças, orientando os colonos que se mostravam sequiosos de ouvir a palavra de Deus.

Se as autoridades policiais da Colônia, em vez de exercer suas funções de maneira autoritária e, por vezes, arbitrária, como atesta uma declaração do sub delegado Splinder, ao ser questionado por humildes colonos, de qual a razão de não poderem se reunir pacificamente para celebrar a palavra de Deus, arrogantemente ter dito que “Deus manda no céu, aqui quem manda é a polícia”.

Se protagonistas como Lúcio Schreiner, Cristiano Splinder e João Lehn, todos aparentados com os Mucker, não tivessem colocado seus interesses pessoais acima dos interesses da coletividade, poderiam ter evitado o conflito.

Se os principais cargos administrativos da Colônia fossem exercidos por luso-brasileiros, certamente mais tolerantes e que tratariam com mais isenção as pequenas questiúnculas entre colonos e evitariam assim que crescessem ao ponto de descambar para um conflito armado.

Se a imprensa sensacionalista tivesse sido mais comedida ao relatar o que estava acontecendo, como por exemplo ocorreu com o jornal A Reforma que divulgou o boato de que os Mucker tinham reunido um poderoso contingente composto por 500 homens armados, quando da realização de uma reunião religiosa. A reunião de fato aconteceu, mas a maioria dos fiéis era constituída por mulheres e crianças.

Se comerciantes e vendeiros tivessem atuado de maneira mais justa nas relações comerciais com os colonos mais humildes,

Se João Jorge Maurer não tivesse deixado que sua ambição alimentasse sua fama de curandeiro até ser considerado um Wunderdoctor (Médico maravilhoso)...

Se Jacobina tivesse sido tratada como doente que era...



## XXVIII

### SOCIALISMO?

Houve uma época em que a comida escasseou no Ferrabraz. E os donos das vendas próximas, que não simpatizavam com o modo de vida dos Mu-

cker, fizeram uma espécie de boicote, recusando-se a comerciar com eles. “Vamos matá-los de fome”, diziam.

Ingenuamente, Ana Maria Hofstatter, que de antagonismos humanos nada entendia, foi à venda do Nadler comprar sal, açúcar e fermento para fazer pão. No balcão, feito o pedido, recebeu como resposta:

“Não mocinha, não temos o que você procura”.

Com o “Zwer-sach” (mala de garupa) vazio, Ana Maria montou no seu cavalo manso e se foi. No caminho de casa, teve uma ideia, passar na casa de João Sehn, onde veria sua amiga do peito, Maria e contaria a ela as necessidades porque passavam.

A Frau Sehn, mãe de Maria, protestante, escutou o relato da amiga de sua filha, pegou a mala de garupa, foi à cozinha e a abasteceu com sal, açúcar e fermento. Como presente acrescentou um carretel de linha e um amarrado de agulhas.

Ana Maria despediu-se, agradecendo a gentileza de que fora alvo. Após o pão ser cozido, Jacobina mandou o Tio Fucks repartir, em partes iguais, tudo que havia de comida e repartisse em partes iguais entre os pobres que lotavam o pátio. Simplesmente “repartiu o pão”, como na Bíblia. O que era de um era de todos.

Essa atitude singela, simples misericórdia cristã, levou a muitos dos estudiosos do “episódio Mucker”, a lançar no ar a pergunta: Praticava-se o socialismo no Ferrabraz? Alguns, mais “engajados”, intoxicados pela verdadeira “seita” em que se transformou o pensamento do filósofo alemão Karl Marx, logo deram, em suas teses de mestrado ou doutorado, a resposta: Sim, os Muckers eram socialistas ou mesmo perfeitos comunistas.



## XXIX

### QUATRO PERSONAGENS HISTÓRICOS

Quatro protagonistas do episódio Mucker entraram para a história, sendo reverenciados com nome de ruas, de escolas e mesmo tendo estátuas em praça pública (Coronel Genuíno e Capitão Dantas). O que mais homenagens recebeu foi Guilherme Gaelzer Neto, o “Kaizer de São Leopoldo”.

KARL VON KOSERITZ

Nasceu, de família nobre, em Dessau, Ducado de Anhalt, a 3 de fevereiro de 1830. Liberal, resolveu em 1851 emigrar para o Brasil.

Veio para o Brasil como grumete do veleiro Heinrich, que transportava parte da Legião Alemã, constituída por mercenários alemães contratados pelo Império Brasileiro para reforçar as tropas imperiais durante uma provável guerra que se anunciava contra Rosas, governador da Confederação Argentina.

Koseritz, um veterano da guerra travada em 1850 entre os condados alemães de Schleswig-Holstein e a Dinamarca, não titubeou em integrar-se à Legião Alemã, engajando-se no 2º Regimento de Artilharia, do qual, terminada a guerra, desertou no ano de 1852, estabelecendo-se, inicialmente, na cidade de Rio Grande, onde passou por várias ocupações.

Dotado de sólida cultura, após ter êxito como professor, alcançou notoriedade como jornalista. Mudando-se para Porto Alegre, em 1845 naturalizou-se brasileiro. Fluente em alemão e português, passou a escrever artigos para vários jornais de Porto Alegre e São Leopoldo. Como redator do jornal *Deutsche Zeitung*, escreveu vários artigos abordando o conflito que se formava entre Mucker e anti Mucker. Neutro no início das provocações, passou a defender soluções radicais contra os Mucker, quando estes passaram a revidar “olho por olho, dente por dente”.

### CORONEL GENUÍNO OLIMPIO SAMPAIO

Nasceu na Bahia em 1822. Engajando-se no Exército Imperial, lutou na Sabinada, Revolução Farroupilha, Revolta Praieira, Guerra contra Oribe e Rosas e na Guerra do Paraguai. Após essa guerra, que terminou em 1870, radicou-se em Porto Alegre, onde em 1874, recebeu a missão de “combater os revoltosos instalados no Ferrabraz”. No comando de uma força constituída pelo 12º Batalhão de Infantaria, uma companhia do 3º Batalhão da mesma arma, uma bateria de Artilharia, um esquadrão de Cavalaria da Guarda Nacional e de um forte continente de milicianos armados, marchou para a região do Ferrabraz, onde em 28 de junho de 1874 travou o primeiro combate contra os Mucker. Devido a falhas de planejamento, esse ataque malogrou e, com pesadas baixas, os atacantes tiveram que recuar.

Nova investida, melhor planejada, ocorreu em 19 de julho de 1874. As forças legais, apoiadas pelos milicianos, após renhido combate, ocuparam o casarão dos Maurer, que foi incendiado. Entre os Mucker, que resistiram à ordem de rendição, morreram cerca de 30 pessoas, homens, mulheres e crianças. Cerca de 50 Mucker foram presos e levados a julgamento. Os órfãos foram dados em adoção. Jacobina, João Jorge e seu círculo mais chegado, não foram contados entre os mortos e presos.

No dia seguinte, após os mortos serem enterrados e a imprensa de São Leopoldo ter comemorado o fim do episódio Mucker, à noite, remanescentes dos Mucker atacaram o acampamento dos vitoriosos. No cerrado tiro-teio travado entre as sentinelas do acampamento e os atacantes Mucker, uma bala atingiu uma perna do coronel Genuíno, que estava em sua barraca, causando sua morte.

### CAPITÃO DANTAS

Francisco de Santiago Dantas nasceu em Itaguaí, na Província do Rio de Janeiro no dia 19 de maio de 1844. Desde cedo recebeu formação militar, tornando-se soldado do 1º Batalhão de Artilharia a pé aos 19 anos de idade. Atuou como soldado na Guerra do Paraguai. Formado em matemática e ciências físicas e naturais, Dantas foi também engenheiro militar. Na política exerceu o mandato de deputado na Assembleia Provincial do Rio Grande do Sul entre 1879 e 1880. Participou dos combates de junho e julho e inconformado com a morte do coronel Genuíno Sampaio, ficou com a ideia fixa de vingar sua morte, eliminando o último refúgio onde se encontrava Jacobina. Após receber informações do local exato onde Jacobina se encontrava, Dantas, à frente de um pequeno número de soldados selecionados e com o auxílio de alguns “mateiros” civis, comandou as operações que resultaram no desfecho do episódio Mucker, com a morte de Jacobina.

### GUILHERME GAELZER NETO

Guilherme Gaelzer Neto tinha apenas seis meses de idade quando foi retirado com vida do casarão dos Maurer, que foi consumido pelo fogo no epílogo do combate travado entre os Mucker e as tropas do coronel Genuíno Sampaio.

Era filho de Guilherme Gaelzer Filho e Maria Sehn, irmã de Rodolfo Sehn. O pai não morreu nesse combate porque estava preso em Porto Alegre. Guilherme, depois do massacre, foi enviado como prisioneiro para o Rio de Janeiro, onde prestou serviço durante dois anos na Marinha Imperial Brasileira.

Maria e Guilherme tinham casado no Ferrabraz, em ritual próprio, presidido por João Jorge Maurer. Entregue aos cuidados de seu avô, Guilherme Gaelzer, o menino recebeu educação esmerada, inclusive aprendeu a falar várias línguas, além do alemão. Seu pai Guilherme Gaelzer Filho retornou a São Leopoldo em 1883, depois que os sobreviventes Mucker foram absolvidos, e completou a educação do filho. Após desempenhar várias profissões, Guilherme Gaelzer Neto entrou para a política, chegando a ser eleito intendente de São Leopoldo, cargo que exerceu por 14 anos. Na Revolu-

ção Federalista de 1893, integrando a Guarda Nacional, combateu os rebeldes e chegou a comandar uma Brigada de Cavalaria.



### XXX

## AH, O PADRE SCHUPP

Eis como o padre jesuíta Ambrósio Shupp, que chegou ao Brasil em 10 de outubro de 1874, portanto após o desfecho do episódio Mucker, descreveu uma reunião no Ferrabraz, ocorrida no dia do Espírito Santo, em 1872:

*Já durante semanas que precederam este dia, corriam boatos habilmente espalhados entre os crentes de que estavam sendo esperados acontecimentos de grande importância e que todos se preparassem para assistir fatos extraordinários. Cheios de expectativa, reuniram-se no mencionado dia com Jacobina no meio deles, mas logo em seguida ela entrou numa peça contígua, fechando atrás de si a porta.*

*Após alguns instantes, foi a mesma porta aberta, porém ali não se encontrava mais a “profetisa”. Desaparecera. Viam-se apenas as suas vestes. Toda a assistência ficou admirada, pois a peça a que se retirara Jacobina, não dispunha de outra saída além da usada para entrada. Porém, João Jorge declarou à assistência que sua esposa subira ao céu para compartilhar com Deus. Que os presentes rezassem e cantassem para que ela retornasse. Todos se puseram a rezar e cantar.*

*Após algum tempo, ouviu-se um ruído na peça em onde se recolhera Jacobina. Aberta a porta, jacobina apareceu de novo, toda vestida de branco, com a fisionomia estática e, em passos lentos, como a esvoaçar, caminhou entre os crentes, os quais, profundamente emocionados, mal ousavam levantar os olhos. Neste momento surgiu João Jorge Klein e lançando-se aos pés da profetisa, exclamou: “Sim, agora acredito que tu és Cristo”*

*Jacobina dirigiu-se com ar benévolo ao homem ajoelhado a seus pés, mandou que se levantasse, dizendo-lhe que bem merecia ser admitido entre seus fiéis discípulos. Logo em seguida, escolheu alguns de seus mais decididos admiradores para serem sagrados apóstolos, entre os quais, a “narração” cita os nomes de Carlos Einsfeldt, seu irmão Henrique Einsfeldt, Jorge Robinson, Cristian Cassel e Jacob Fucks, o sacristão e contra chefe das reuniões, conhecido pela alcunha de Jacó das mulas.*



Ambrósio Schupp, durante 15 anos foi vigário de Hamburgerberg, Lomba Grande, Mundo Novo (Três Coroas) e Sapiranga, onde colheu apontamentos para escrever a sua narração sobre o episódio Mucker. O livro, *Die Mucker*, foi impresso na Alemanha em 1900, como um romance histórico e não como um relato fiel do que se passou no Ferrabraz.

Para escrever seu romance o padre ouviu somente os adversários dos Mucker, razão pela qual imaginou a reunião ocorrida no casarão dos Maurer em 1872.

A razão indica que jamais ocorreu uma reunião com as palhaçadas relatadas pelo padre, pela simples razão de que, apesar da presença de mulheres e crianças nas reuniões do Ferrabraz, havia sempre os chefes de família, homens sérios que não pactuariam com as ridículas cenas descritas por Schupp.

João Jorge, marido de Jacobina, era um homem ambicioso, mas não era boboe jamais desempenharia um papel de palhaço. O pastor João Jorge Klein, intelectual e ativo homem de letras, versado em teologia na Alemanha, jamais iria se humilhar e ajoelhar aos pés de Jacobina. Era casado com a irmã dela, Carolina e não concordava com as barbaridades que eventualmente eram cometidas. Por fim, fica no ar a pergunta: porque o padre jesuíta, que viveu na Colônia por quinze anos, nunca entrevistou homens sérios, Mucker e não Mucker?

É evidente que ele como sacerdote católico, não perdeu a oportunidade de menosprezar e desmoralizar a seita que um grupo de colonos, católicos e protestantes, pacificamente estavam fundando no Ferrabraz. Foi parcial no que escreveu, relatando bobagens que nunca aconteceram, que foram lidas e comentadas, na Colônia, durante mais de 100 anos. É notório que o povo, em geral, gosta de histórias fantásticas, sem preocupar-se em checar sua veracidade.

O livro de Schupp foi escrito com base em informações duvidosas, obtidas junto a inimigos dos que se reuniam no Ferrabraz. Qualquer análise histórica contradiz a ocorrência de reuniões misteriosas e a existência de 500 homens armados no Ferrabraz.

Para completar a desinformação propiciada pelo livro *Die Mucker*, que foi escrito em alemão, a primeira edição dessa obra foi traduzida para o português por Alfredo CL Pinto, conhecido católico fanático, que, segundo a pesquisadora Janaína Amado, agravou o viés contrário aos Mucker contido no original.



## XXXI

### OS DESCENDENTES DOS MUCKER E A SEMPRE SONHADA PAZ

O termo Mucker, atribuído aos seguidores de Jacobina, por ser uma palavra, em certo sentido, depreciativa, “colou” como uma segunda identidade aos que efetivamente foram protagonistas do Episódio Ferrabraz e, o que é de lamentar, aos seus descendentes que hoje, podem ser contados aos milhares.

Os descendentes dos Mucker , pelo menos até a terceira geração, sofreram o que hoje se chama “bullying”, palavra de origem inglesa que define todo tipo de violência física ou psicológica cometida por um ou mais agressores contra determinadas vítimas e que podem ocorrer em qualquer ambiente em que existam contatos interpessoais, seja nos relacionamentos sociais, nas escolas, nas igrejas etc.

Para os milhares de descendentes dos protagonistas do episódio e que herdaram seus sobrenomes, uma releitura das circunstâncias em que a tragédia aconteceu, por certo será benéfica para resgatar a motivação que levou alguns personagens a resistir, até o trágico fim.

Na família Sehn, por exemplo, despontam as figuras de João Sehn, protestante, e de sua mulher, católica. João Sehn e seus quatro filhos morreram, heroicamente, de armas na mão. Porque lutaram até o fim? Idealistas, crentes em suas convicções religiosas, libertários?

#### A SEMPRE SONHADA PAZ

A palavra paz é uma das mais presentes nos textos que compõem a Bíblia. Apesar disso, a história da humanidade está repleta de guerras e conflitos sangrentos, mostrando que a paz é quase uma aspiração utópica. Por sua vez, as guerras, sempre condenadas por todos, tem vários matizes, como “guerras justas” e “guerras para obter a sonhada paz”.

Ainda está para ser obtido um consenso de como inserir a “Guerra dos Mucker” na história do Rio Grande do Sul e, por extensão, do Brasil. O certo é que o sacrifício de mais de três dezenas de fiéis seguidores de Jacobina e a prisão de mais de duas dezenas que tiveram suas vidas poupadas, não encerrou o episódio Mucker, que continuou se desenrolando ao longo

do tempo, principalmente entre os descendentes dos alemães que se instalaram na região de São Leopoldo em 1824.

Várias ocorrências violentas ocorridas em fins do século XIX e início do século XX, na região de colonização alemã do Rio Grande do Sul, à falta de melhores explicações, foram atribuídas aos Mucker sobreviventes ou aos seus descendentes.

O certo é que a discriminação dos Mucker sobreviventes e de seus descendentes continuou na Colônia por muitos anos. Se o pastor Bruskin tivesse apelidado os seguidores de Jacobina Maurer de separatistas, insatisfeitos, reclamantes, santarrões, em vez de Mucker, talvez isso não teria ocorrido. A palavra Mucker para os alemães e seus descendentes é antipática, feia mesmo.

A Revolução Farroupilha durou quase dez anos e, feita a paz, ninguém guardou ressentimentos. Porque o mesmo não ocorreu com os colonos germânicos da Colônia, de ontem e de hoje?

Sintomática foi a notícia publicada no jornal CORREIO DO POVO de Porto Alegre, edição do dia 25 de maio de 2009, da qual são transcritos alguns trechos:

“Sapiranga, na região do Vale do Sinos, selou ontem o fim de 135 anos de perseguição política e injustiça histórica. Uma iniciativa de pastores da Igreja Evangélica reconciliou descendentes dos Mucker e Spotters (antimucker).

“prefeito de Sapiranga explicou que a iniciativa dos pastores ...foi um sincero pedido de perdão aos perseguidos. Ao pé do Morro Ferrabraz, onde Jacobina Maurer, líder da Revolta dos Mucker, refugiou-se do ataque das forças policiais comandadas pelo coronel Genuíno Olímpio Sampaio, a historiadora...descendente de perseguidores dos Mucker e, ...descendente da família Maurer, se abraçaram deixando de lado os conflitos do passado”.

“O prefeito informou que, em 2 de agosto, quando serão lembrados os 135 anos do fim da revolta, uma estátua de Jacobina será levantada ao lado da imagem do coronel Sampaio para que não haja dúvidas em relação ao protagonismo de ambos os personagens na história do município e do RS” (Correio do Povo, edição de 25 Mai 2009).



## HISTÓRICO “LEGALISTA”

Afim de facilitar aos eventuais interessados em conhecer detalhes da atuação dos principais protagonistas do que pode ser chamado de “lado legalista” na “Guerra dos Mucker”, a história registra os seguintes fatos:

Cristiano Fischer. Médico, nasceu na Alemanha em 1852, tendo participado da guerra Franco-Prussiana de 1870. Veio para o Brasil em 1872. Esteve presente, ao lado do coronel Genuíno no ataque ao casarão Mucker em 19 de julho de 1874. Assistiu à abertura do cofre. Fez parte da Comissão que contou o dinheiro contido no cofre. Enviou várias cartas para a Alemanha em que expressava simpatia pela causa Mucker. Faleceu em Dom Pedrito, em idade avançada. É nome de rua em Porto Alegre.

João Wolfenbutel. Esteve dentro do casarão incendiado. Retirou uma menina de dez anos do incêndio, salvando sua vida.

Clemens Conrad. Seu nome aparece no caso, contravertido, de Leidard, a bebê de Jacobina.

Frederico Bier. Integrou a milícia que reforçou as tropas do capitão Dantas no combate de 2 de agosto de 1874, em que morreu Jacobina.

Gustavo Bier. Primo de Federico, o acompanhou no combate de 2 de agosto de 1874.

Luiz Weber. Condutor do carro de quatro rodas que conduzia Jacobina nas viagens entre o Ferrabraz e São Leopoldo.

Abílio Alves Martins da Costa. Delegado de polícia que substituiu um delegado considerado inoperante.

Cristiano Nadler. Era dono de uma bodega situada perto do Ferrabraz, onde vários colonos costumavam se reunir nos domingos, para saber das novidades, jogar cartas e beber cerveja. Naturalmente, não simpatizava com os Mucker, que pouco consumiam e não bebiam. Integrou a milícia que participou do ataque de 19 de julho de 1874. Depois desse confronto foi encontrado morto numa valeta. Sua viúva fechou a bodega e desapareceu.

Os sucessivos e omissos presidentes da Província, que deixaram a situação evoluir para o desfecho sangrento. Entre 1824 e 1874, a Província do Rio Grande do Sul teve, nada menos, do que 78 presidentes!

João Pedro Carvalho de Moraes, que presidiu a Província de 1º de dezembro de 1872 a 11 de março de 1875. A única pessoa que poderia ter evitado a matança ocorrida no Ferrabraz. Sua omissão foi decisiva. Tinha nas mãos a Imprensa, a Polícia, a Justiça, a Guarda Nacional, unidades do Exército Imperial e as milícias estaduais.

No jargão militar, uma das primeiras lições que se ensina, é de que o “Comandante é o único responsável pelo que acontecer ou deixar de acontecer no seu quartel”. No campo das leis, é bastante aplicada a “Teoria do Domínio do Fato”, com origem no Direito Alemão, pela qual ninguém pode justificar sua omissão pelo fato de que não sabia do que estava ocorrendo nos assuntos colocados sob sua responsabilidade.

Uma simples ordem sua teria evitado a matança.



### XXXIII

## AS MULHERES MUCKER

Se baralharmos Bibiana e Ana Terra de Érico Veríssimo, Maria Quitéria, Anita Garibaldi e Catarina Schneider de Josué Guimarães, temos as mulheres dos Mucker. Puxavam enxada na roça, junto com os maridos e filhos. Quando a família comprava uma vaca leiteira, escolhia sementes para plantar, discutia a oportunidade da ampliação das acanhadas casinhas de madeira, enfim, qualquer negócio familiar, davam palpites e a última palavra. Em religião, nem se fala, católicas ou protestantes, sabiam o que convinha à família.

Quando esquentou o tempo, em 1872/74, com a perseguição dos “spotter” (debochadores), apoiados pelas autoridades policiais cada vez mais violentas, foram elas que instigaram seus maridos a opor resistência. Foram elas que começaram a tirar a ferrugem e a engraxar as velhas espingardas de caça e garruchas de carregar pela boca. Cuidaram para que não faltasse chumbo e pólvora em casa, bem como uma caixa de espoletas. Cuidaram para que não faltasse carne de porco seca, linguiça e toucinho

Sabiam atirar de espingarda e de garrucha. Guarneciam e defendiam, de dia e de noite, o seu lar, contra malfeitores e saqueadores que começaram a agir, acobertados pelas autoridades policiais.

Resistiram, de arma na mão, ao lado dos maridos e filhos, ao ataque de forças militares, dez vezes superiores em gente, armamento e munição. Nos combates finais, onde se encontravam com seus filhos, não recuaram, não fugiram, não parlamentaram, não aceitaram clemência. Algumas morreram lutando. As que sobreviveram, após o incêndio da cidadela dos Maurer, foram presas com seus filhos menores e levadas para Porto Alegre.

Valentes e heroicas mulheres, que nunca abriram mão de seus princípios religiosos, sociais e políticos. Merecem o respeito da posteridade.



## XXXIV

### QUANDO A PAZ TORNOU-SE IMPOSSÍVEL

A partir do ano de 1873 e início do de 1874, não havia recanto na Colônia em que não se falasse, dia e noite, nos acontecimentos que ocorriam no Ferrabraz. Só na Colônia?

Não, fora dela Porto Alegre e Pelotas estavam em pé de guerra. Voluntários, aos milhares, ofereciam-se para marchar para a “guerra”. Os que não queriam participar do “extermínio dos gringos”, ofereciam-se para substituir os combatentes. Como na Guerra do Paraguai, terminada há poucos anos.

No primeiro semestre de 1873 o casal Maurer foi preso e levado à Porto Alegre, mas solto em seguida por ter sido constatado que não haviam cometido nenhum crime. A seguir vários casos, isolados, contribuíram para acirrar os ânimos: o enforcamento do velho Hirtz, atribuído aos Mucker e que mais tarde foi comprovado que foi um suicídio; o assassinato do jovem Haubert e o atentado ao inspetor Lehn, também atribuídos aos Mucker; a prisão e recolhimento à cadeia de São Leopoldo de 33 colonos Mucker, que foram soltos por não haverem cometido nenhum crime; a apreensão de 27 espingardas que tinham por destino o Ferrabraz e outros fatos correlatos, exigiam providências imediatas. Precisava-se organizar uma “expedição punitiva” para acabar de vez com os colonos “assassinos” do Ferrabraz

Enquanto os preparativos para a “guerra” prosseguiam, do outro lado, os colonos, apelidados de Mucker, reagiam. Rezavam, cantavam hinos religiosos louvando a Deus, na crença de que Ele não os abandonaria. A fé de muitos, os interesses pessoais de uns poucos, os manteve firmes, na esperança de uma paz que, nessas alturas, era impossível.

O certo era levar para julgamento, na capital da Província, os principais culpados, que eram apenas cinco ou seis, poupando assim as mulheres e crianças, que não precisavam ser sacrificadas como o foram.

Infelizmente não havia em Porto Alegre cabeças pensantes em número suficiente para impedir o banho de sangue que se aproximava.





## XXXV

### REVISITANDO JACOBINA MENTZ MAURER

O Movimento Mucker, um eufemismo utilizado para relatar os acontecimentos ocorridos nas encostas do Morro Ferrabraz, entre os anos de 1866 e 1874, que passaram à história como a “Guerra dos Mucker”, num esforço reducionista, pode ser resumido como tendo sido criado a partir do curandeirismo praticado por João Jorge Maurer e auxiliado por sua esposa Jacobina Mentz, que mais tarde lideraria o movimento, transformado em seita religiosa derivada do Cristianismo.

Não resta dúvida, portanto, que Jacobina foi a figura central do movimento Mucker e, o conhecimento de sua motivação religiosa, que começou com inocentes leituras da Bíblia, acabaria na tragédia sangrenta ocorrida nos meses de junho, julho e agosto de 1874, na Colônia alemã de São Leopoldo.

Jacobina nasceu em junho de 1861 em Hamburgerberg, atual município de Novo Hamburgo, em família com histórico de misticismo, o que explicaria, em parte, seu comportamento ao longo de sua curta vida. Aos doze anos, teve um desmaio, que a deixou em sono letárgico e o médico que a atendeu não chegou a um diagnóstico definitivo,

Esses desmaios se repetiriam ao longo de sua adolescência e nem mesmo seu casamento com João Jorge Maurer, ocorrido em 26 de abril de 1866, contribuiu para amenizar esse transtorno.

Com o nascimento de seu primeiro filho, teria mais cinco filhos e filhas no curto espaço de sete anos, passou a ter repetidos e fortes desmaios. O casal Maurer, entre outros motivos, por desavenças familiares com a mãe e uma irmã mais moça de Jacobina, pois moravam sob o mesmo teto, decidiram, em 1867, mudar-se da vila de Hamburgerberg, para um lote que a família possuía na distante picada do Morro Ferrabraz, onde construíram uma modesta casinha de madeira.

Logo ficou evidente que o jovem casal não tinha a menor atração pelo duro trabalho na roça, de onde tiravam seu sustento e se ressentia de ter deixado Hamburgerberg, onde tinham um círculo de amigos.

João Jorge Maurer, analfabeto e que não falava o português, era inteligente e ambicioso e, ao conhecer um curandeiro de nome Buchorn que pe-

rambulava pelas picadas, tomou a decisão de tornar-se “médico”, ou seja curandeiro.

Essa decisão mudaria para sempre a vida do casal. Empregando beberagens, emplastos e unguentos, preparados com ervas medicinais que encontrava nas matas que cercavam sua casa, João Jorge passou a tratar as doenças corriqueiras que acometiam os colonos vizinhos, suprimindo a escassez de médicos, que vinham de longe e cobravam caro pelos seus serviços.

Seu sucesso atraiu colonos de picadas mais distantes e logo João Jorge ostentou o título de “Wunderdokter” ou seja, o Doutor Maravilha ou o Médico Milagroso.

Jacobina, moça inteligente, apesar de não ter sido alfabetizada, aprendeu numa Bíblia, a ler palavras impressas e começou, em 1870, a ler e a interpretar textos bíblicos para entreter ou consolar os doentes e seus familiares que buscavam os préstimos de seu marido. Também passou a ajudar o marido no diagnóstico e tratamento de doenças dos colonos que o procuravam, dizendo receber inspiração divina.

Em fins de 1871, o número de pessoas que acorriam à casa dos Maurer em busca de cura e conforto espiritual cresceu ao ponto de virar notícia nos jornais de São Leopoldo.

As leituras e interpretações da Bíblia realizadas por Jacobina, seguiam dois padrões. No primeiro ela simplesmente lia e interpretava trechos por ela selecionados. No segundo, após um desmaio, que com o tempo passaram a ser mais frequentes, ao ponto de seus detratores suporem que eram provocados ou dissimulados, após acordar do sono letárgico, Jacobina dizia que durante o sono havia sido inspirada por Deus para ler e interpretar trechos da Bíblia que lhe foram indicados.

Jacobina, que conhecia certos trechos da Bíblia de cor, tinha predileção pelo Evangelho segundo Mateus, especialmente os versículos que compõem o Sermão da Montanha, com suas bem-aventuranças.

No Sermão da Montanha Jesus Cristo proclamou, em oito bem-aventuranças, que o céu era o destino dos pobres de espírito, dos que choram, dos que tinham fome de justiça, dos que sofriam perseguições, dos mansos, dos pacificadores, dos misericordiosos, dos limpos de coração, dos injuriados e perseguidos.

Não é de admirar que essa pregação atraísse centenas de colonos a quem a vida não fora generosa, que se sentiam excluídos do surto de progresso porque passava a Colônia.

As leituras promovidas por Jacobina também induziam os que a ouviam, a crer que o fim do mundo estava próximo e que os opressores e os injustos, que seriam os ricos, logo seriam castigados.

À medida que crescia o número de pessoas que acorriam ao Ferrabraz para ouvir Jacobina, crescia também o número dos que se opunham a essas celebrações religiosas. Esses últimos, no início, debochavam dos seguidores de Jacobina, mas com o tempo, passaram a hostilizá-los. No início de 1873, Jacobina, descontente com as hostilidades que os Mucker sofriam e as arbitrariedades cometidas pelas autoridades policiais da Colônia contra o movimento, avançou na sua pregação, sempre com base em Mateus e, em celebração ocorrida no Ferrabraz, anunciou o surgimento de uma nova comunidade religiosa, diferente das existentes, que teria as seguintes bases:

- Os que a seguiam deveriam se desligar das igrejas que até então frequentavam e também deveriam retirar seus filhos do sistema escolar tradicional, pois essas entidades não pregavam o verdadeiro evangelho;
- Era necessário firmeza nas opções religiosas que fariam, sem temer as consequências que fatalmente ocorreriam;
- Os que se mantivessem firmes, seriam recompensados no final dos tempos, que se aproximava;
- Não deveriam temer cortar seus laços familiares, se seus parentes não tivessem decidido segui-los, pois Jesus havia dito que viera ao mundo mais para dividir do que unir;
- Seguir Jesus deve ser preferido aos vínculos humanos mais sagrados e essa disposição deve ir até o calvário, afrontando a morte;
- A perda da vida terrena teria como contrapartida a vida eterna; e
- A guerra é a consequência de se obedecer a Deus, que falava a eles por seu intermédio.

Em reunião ocorrida em 4 de maio de 1873, Jacobina disse a seus seguidores que, inspirada por Deus, anunciava que o fim dos tempos se aproximava e quem a escutasse se salvaria. Também passou a recomendar que seus seguidores se preparassem para o dia do juízo final.

Denunciada por seus detratores, que alegavam que ela se considerava o Messias, em 23 de maio de 1873 Jacobina foi submetida a severo interrogatório pelo chefe de polícia de São Leopoldo. Nesse interrogatório Jacobina demonstrou uma insuspeitada sagacidade. Livrou-se com facilidade das denúncias apresentadas contra ela, negando-as todas e aproveitou para apresentar um quadro extremamente favorável à sua pessoa.

Relatou ao delegado que estivera doente desde os 12 anos de idade e que só recebeu a inspiração divina que a acometia quando em sono letárgico aos 26 anos. Até essa idade havia sido analfabeta, mas depois disso, passara a ser capaz de ler trechos bíblicos e a partir de então, ao acordar de seu sono, lia e interpretava a Bíblia segundo a inspiração divina que havia recebido.

Em 10 de dezembro de 1873 João Jorge Maurer viaja ao Rio de Janeiro para entregar uma petição ao Imperador D. Pedro II, em que os Mucker se queixavam de perseguição da polícia, ofensas morais e agressões físicas e patrimoniais, por parte de seus adversários. Durante o afastamento de João Jorge, Rodolfo Sehn, católico, que sofrera uma série de humilhações de colonos e autoridades policiais, aproxima-se de Jacobina, passando a ter papel importante como receptáculo de suas mensagens e visões.

João Jorge, um pacifista que só queria viver bem, em seu retorno, constatou que sob a liderança de Jacobina e Rodolfo Sehn, inconformados com a atitude do Imperador que após rápida sindicância promovida pelas autoridades da Província optara por arquivar o abaixo-assinado dos Mucker, o Movimento passara a retaliar os seus adversários segundo o Velho Testamento, onde se lia que as ofensas deveriam ser combatidas “olho por olho, dente por dente”.

A sorte do Movimento estava lançada, pois as portas se abriam para o ciclo de violências mútuas entre os Mucker, até então pacíficos, e seus opositores, que levaria ao sangrento final.

João Jorge, não concordando com a violência das retaliações, se afasta de Jacobina e do Movimento. Jacobina e Rodolfo morreram juntos no último combate com as forças legais em 2 de agosto de 1874 e três meses depois João Jorge foi encontrado morto na mata, possivelmente vítima de saqueadores, que roubaram seus pertences.

